

Os Dez Mandamentos do Colon (Colombo) Português!

Baseados em documentos coevos portugueses

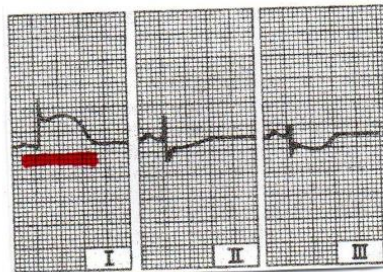
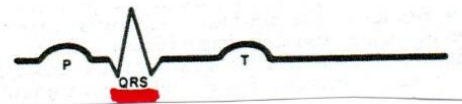
Por Manuel Luciano da Silva & Sílvia Jorge da Silva



**Luciano da Silva e Esposa Sílvia da Silva têm trabalhado
em conjunto**

**nas suas investigações históricas desde o casamento em
1960.**

Normal Electrocardiogram



Anterior Cardiac attack

Esta imagem mostra-nos um electrocardiograma que é o registo somatório das descargas eléctricas do lado direito e esquerdo dum coração. Na imagem superior vemos uma pirâmide com os lados iguais. EKG Normal. Na imagem inferior, o lado direito da pirâmide está curvo, porque lhe falta a electricidade devido a um ataque anterior (mau) do coração.

A análise destas imagens servem para compreendermos melhor com que pormenor este casal tem analisado os vários documentos coevos do Cristóvão Colon, usando sempre os mesmos métodos científicos da prática da Medicina.

Vamos agora rever panoramicamente os Dez Mandamentos do Cólón Português.

Os 10 Mandamentos do Colon (Colombo) Português:

- (1) Primeira Bula Papal em latim, de Alexandre VI, datada de 3 de Maio de 1493. (Luciano & Sílvia)**
- (2) Segunda Bula Papal em latim, de Alexandre VI, datada de 4 de Maio de 1493. (Luciano & Sílvia)**
- (3) Sigla do Navegador (Assinatura ou Marca): Cristóvão Colon (em grego, em latim e hebraico) (Luciano da Silva e outros investigadores)**
- (4) O Monograma de Salvador Fernandes Zarco (Sílvia Jorge da Silva)**
- (5) A Bênção ao filho legítimo, Diogo, nas 12 últimas cartas (Simon Wiesenthal)**
- (6) Mais de 40 topónimos portugueses postos pelo Navegador nas Caraíbas durante as suas viagens. (Santos Ferreira e Mascarenhas Barreto)**

- (7) A palavra **COLOM** usada **TREZE VEZES** nas “**Décadas da Ásia**” de João de Barros (n. 1496 e m. 1570) . Foi **Historiador da Corte Real Portuguesa e Controlador da Casa da Índia.**
- (8) **COLON** usado **QUARENTA** vezes nas “**Saudades da Terra**” de Gaspar Frutuoso (n. 1452 e m. 1591). Livro I, **Capítulo Vigésimo Segundo. O Historiador Açoriano mais famoso, Padre na Ribeira Grande, São Miguel.**
- (9) Major Santos Ferreira (1930) foi o **GÉNIO** que descobriu que o sinal de pontuação [. /] significa **ZARCO.**
- (10) As pesquisas **ACTUAIS** do ADN em 477 indivíduos espanhóis, italianos e franceses, que assinaram declarações de que eram descendentes **DIRECTOS** do Navegador, mas **NENHUM** deles apresentou possuir o Cromossoma **Y** igual aos cromossomas do filho Fernando, nem do irmão do Navegador, **Diogo Colon.**

Para podermos analisar e compreendermos bem a documentação feita pela mão do Navegador temos que saber duas coisas fundamentais:

- (1) Qual era o nome dele há 500 anos?
- (2) Leitura dos sinais de pontuação como ainda hoje se faz na linguagem grega!

Há 500 anos o nome verdadeiro do Navegador era:

-- Português = **Cristofõm Colon**

= **Cristóvão Colon**

- Latim = **Christopher Columbus**

- Italiano= Cristoforo Colombo

- Espanhol = Cristóbal Colón

Sinais de pontuação grega:

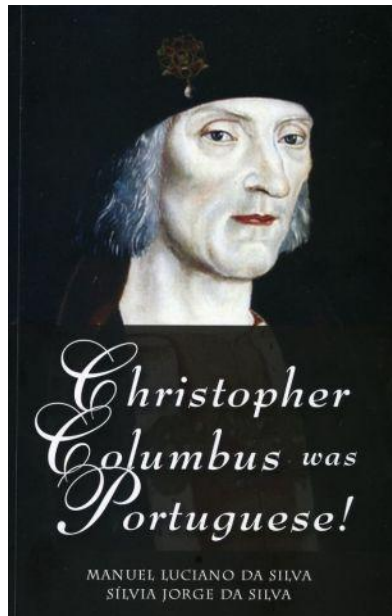
Os sinais de pontuação grega , (universal) foram criados pelo matemático Pitágoras há 25 séculos.

COMA [,] derivado da palavra grega Komma quer dizer *pausa da música* ou *pausa numa frase*. Em Português é pronunciada **ERRADAMENTE**, Vírgula.

COLON [:] significa *partes, falo, (pénis,) membro*. Em Portugal pronuncia-se **ERRADAMENTE** [dois pontos].

SEMI COLON [;] pronuncia-se COLON. Pronuncia-se em Portugal **ERRADAMENTE** [ponto e vírgula]

VÍRGULA [/] é um *traço ou barra* inclinado usado entre palavras ou nomes e que significa *uma parte pode substituir a outra*



Capa da Edição American do nosso livro que foi adaptado ao cinema pelo Mestre Manoel de Oliveira e ganhou uma Medalha de Ouro no Festival Cinematográfico Internacional de Veneza, Itália, em 8 de Setembro de 2007.



Basílica de São Pedro em Roma. A maior Igreja Católica da Cristandade.

Possui a Biblioteca do Vaticano, considerada a maior do mundo.

O Casal Da Silva foram as únicas pessoas do mundo inteiro que pensaram em ir ao Vaticano para saber se haveria lá alguns documentos relacionados com a descoberta da América pelo Navegador Cristóvão Colon e encontraram lá DUAS BULAS, totalmente escritas em latim, mas apresentando o nome do Navegador escrito em Português antigo ou da época. Vamos entrar na Biblioteca do Vaticano para vermos as referidas Bulas Papais.



Este é o Papa Alexandre VI que oficializou as Duas Bulas

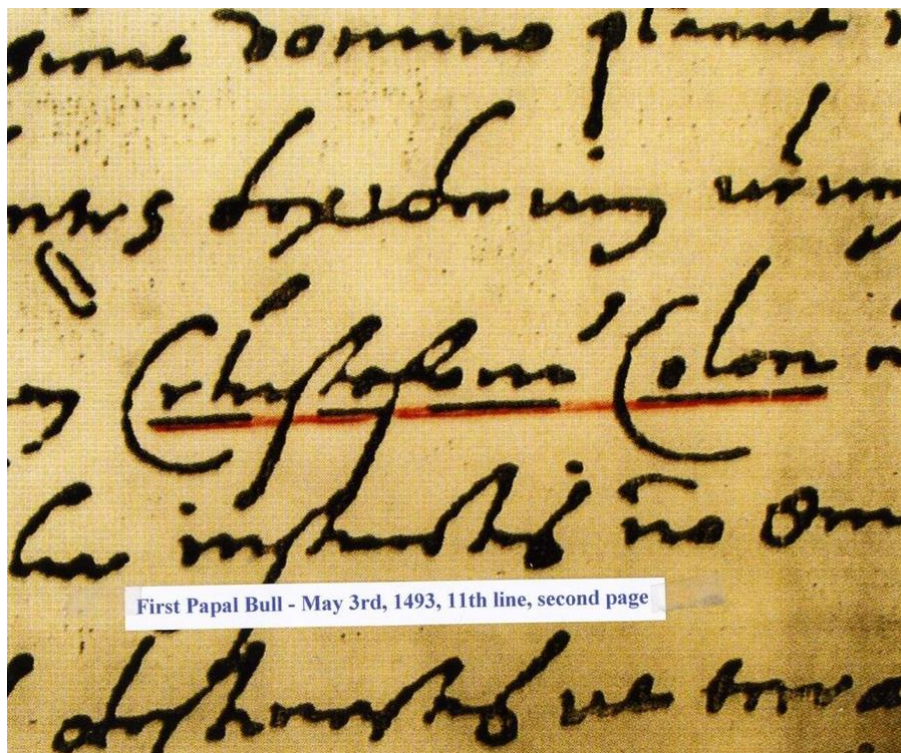


Interior da maravilhosa Biblioteca do Vaticano

O PRIMEIRO MANDAMENTO:

Primeira Bula Papal em latim, de Alexandre VI, datada
em 3 de Maio de 1493.

(Luciano da Silva & Sílvia da Silva)



Primeira Bula Papal, 3 de Maio de 1493

Tem o nome escrito em Português antigo com um H -->

CRHISTOFÔM COLON

Não está escrito em latim: *Christopher Columbus*

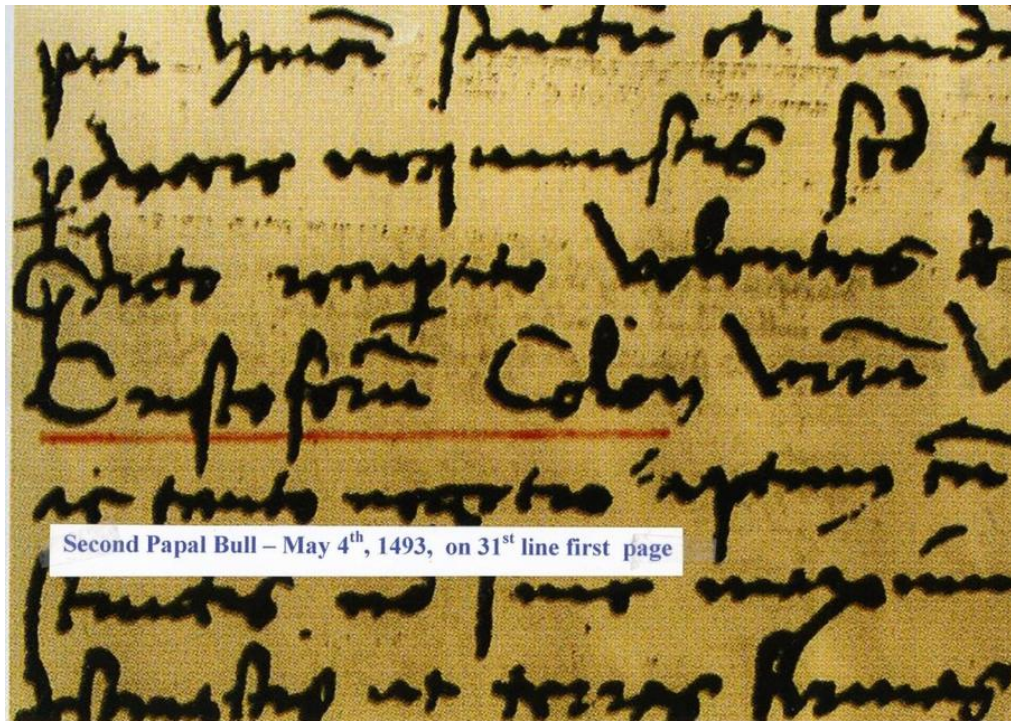
Nem em Italiano: *Cristoforo Colombo*

Nem em Espanhol: *Cristóbal Colon*

O SEGUNDO MANDAMENTO:

Segunda Bula Papal em latim, de Alexandre VI, datada
de 4 de Maio de 1493.

(Luciano & Sílvia)



Segunda Bula Papal de 4 de Maio de 1493, na linha 31 da
primeira página.

Reparem como o nome está escrito sem H: **CRISTOFÔM
COLON**

Não está escrito em latim: *Christopher Columbus*

Nem em Italiano: *Cristoforo Colombo*

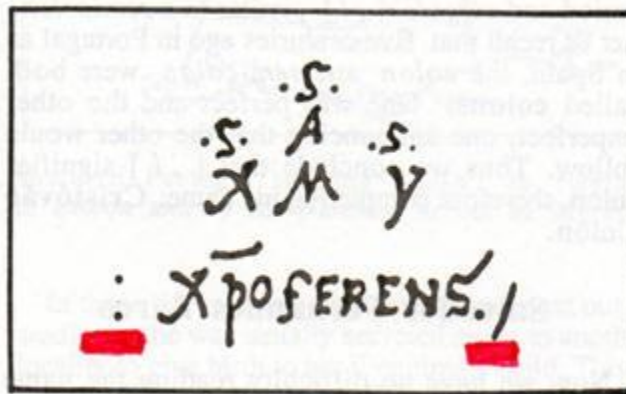
Nem em espanhol: *Cristóbal Colon*

O TERCEIRO MANDAMENTO

SIGLA DO NAVEGADOR: CRISTÓVÃO COLON (em grego, em latim e hebraico)

(Luciano da Silva e outros investigadores.)

ESTA É A SIGLA DO NAVEGADOR



Esta é a Sigla ou Marca ou FIRMA Comercial do Navegador

Tem duas partes:

A parte superior triangular que é uma saudação a Cristo:

Santo, Santo, Altíssimo Santo,

Filho de Maria e José

Na parte a inferior está o nome próprio do navegador

Temos que rever agora, mais uma vez, como se devem ler os sinais de pontuação grega – ainda hoje usada no mundo anglo-saxónico. O Navegador usou estes sinais de pontuação tal qual como devem ser lidos hoje em grego. Se o leitor deste artigo fizer isso – ler à moda grega – não vai ter dificuldade nenhuma em entender a Sigla do Navegador.



Leia o que está escrito na Sigla, como se fosse um electrocardiograma...

Leia o que está na Sigla. Não invente disparates, nem cabalas ...

Analizando a Sigla:

Do lado esquerdo: Os dois pontos em português devem ser lidos na forma grega COLON

As 3 letras XPO compõem a palavra grega do nome CRISTO. O traço por cima chama-se MACRON e serve de acento para o Ó de Cristóvão.

FerenS é a forma conjugada do verbo latino FER que quer dizer “atravessar um rio”. “Ferry Boat” é derivado deste verbo FER, que vai dum margem do rio para a outra. Para atravessarmos um rio precisamos dum ponte que deve ter um VÃO da ponte.

E na extremidade direita o sinal [. /] é o sinal grego SEMICOLON que deve ser lido como COLON

Portanto a Sigla do navegador deve ser lida assim:

COLON CRISTÓ + VÃO COLON

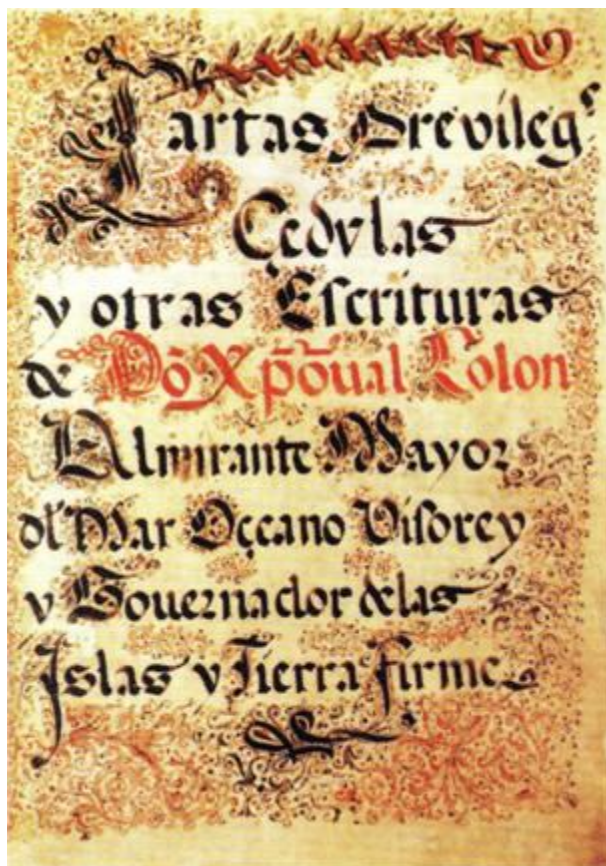
Devemos notar que o FÔM da Sigla nas Bulas Papais evoluiu do português antigo para o Português moderno dando VÃO.



O nome CRISTÓVÃO quer dizer "que leva Cristo, que propaga Cristo".

Aqui está uma imagem de São João Batista a levar Cristo a atravessar o Rio Jordão.

No caso do Cristóvão Colon o "rio dele" foi o Oceano Atlântico...



Capa do livro com os 44 documentos oficiais descrevendo as propriedades do Navegador -- " Os Privilégios "--

o qual foi revisto pelo próprio navegador com os seus advogados em Sevilha, Espanha.

Notar bem claro o nome COLON na capa

NOME ZARCO

Antes de revermos na Sigla o nome ZARCO temos que rever mais uns mecanismos dos sinónimos entre

a pontuação grega e o significado de Colon comparando com o nome Zarco em Hebraico ou Judeu.

Os três significados de COLON:

(1) Pontuação - [:] & [;]

(2) Anatómico - [:] Colon ou Partes intestinais ou genitais

(3) Religioso - "Afastar o mau olhado"

: X̄PO FERENS. /

Colon	Zarco
-------	-------

Para detectarmos o nome ZARCO contido na Sigla, temos que perguntar porque é que o S de FerenS tem uma cauda arrebitada?

Porque não é um S, mas sim a letra hebraica LAMED que está **invertida**. Qual é o significado de estar invertida?

Porque no alfabeto hebraico significa uma ALTERNATIVA indicada pelo sinal [. /], “tanto pode assinar o marido, como a esposa”, significa **uma parte pode substituir a outra**.

Aqui está o alfabeto Judaico onde vemos a letra Lamed mostrando também no lado direito um segmento da Sigla, com o Lamed invertido.

א	'Aleph 1	י	Yódh 10	ק	Oôph 100
ב	Bêth 2	כ	Kaph 20	ר	Rêš 200
ג	Ghîmel 3	ל	Lâmedh 30	ש	Sîn 300
ד	Dâleth 4	מ	Mêm 40	ת	Tâw 400
ה	Hê 5	נ	Nûn 50	ך	Kaph final 500
ו	Wâw 6	ס	Sâmekh 60	ם	Mêm final 600
ז	Zâyim 7	ע	Ayin 70	ן	Nûn final 700
ח	Hêth 8	פ	Phê 80	ף	Phe final 800
ט	Têth 9	צ	Çâdhe 90	ץ	Çâdhê final 900
				א	Aleph final 1000

30	ל
Lâmedh	ל

RENŠ./

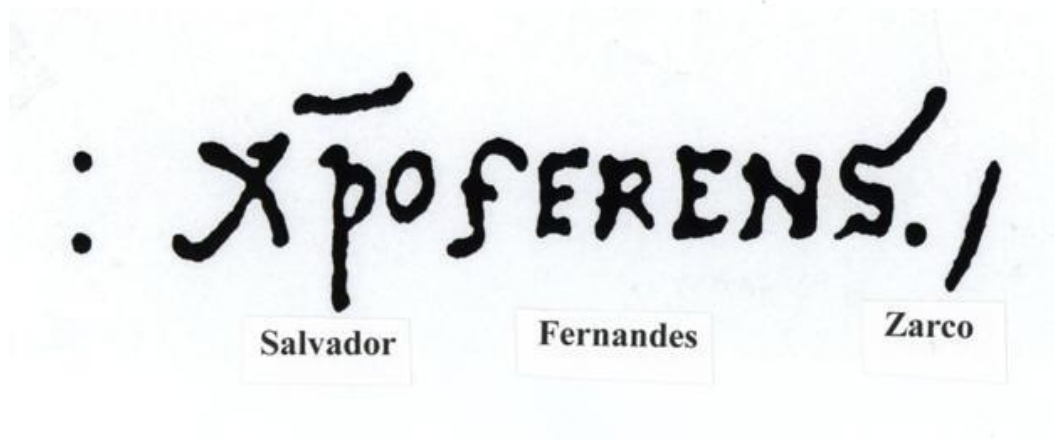
Outra coisa muito importante que devemos lembrar é que a tradução de Cristo em judaico é SALVADOR.

Outra coisa é que FerenS é a abreviatura de FERNANDES

Com estas manobras todas, se juntamos os três nomes vamos obter:

SALVADOR FERNANDES ZARCO

Que é o nome de batismo de Cristóvão Colon!



Mas o nome ZARCO existe em Portugal?

Cá temos uma pedra tumular na Albergaria dos Fusos perto de Cuba, no Alentejo,

Portugal Continental, onde o Navegador nasceu em 1450.



Com o nome de ZARCO vamos encontrar o nome famoso de João Gonçalves Zarco, Judeu Sefárdico Português, membro da Casa do Infante D. Henrique, que descobriu a

Ilha do Porto Santo em 1418 e a Ilha da Madeira em 1419.

Este João Gonçalves Zarco era AVÔ do Salvador Fernandes Zarco!!!



Estátua de João Gonçalves Zarco na baixa da Cidade do Funchal, Capital da Madeira



Túmulo do João Gonçalves Zarco no Convento de Santa Clara no Funchal, Capital da Madeira.

Minha mulher Sílvia (de blusa branca) com a Madre Superior, ambas a tomar nota do nome do famoso Capitão.

*

O QUARTO MANDAMENTO

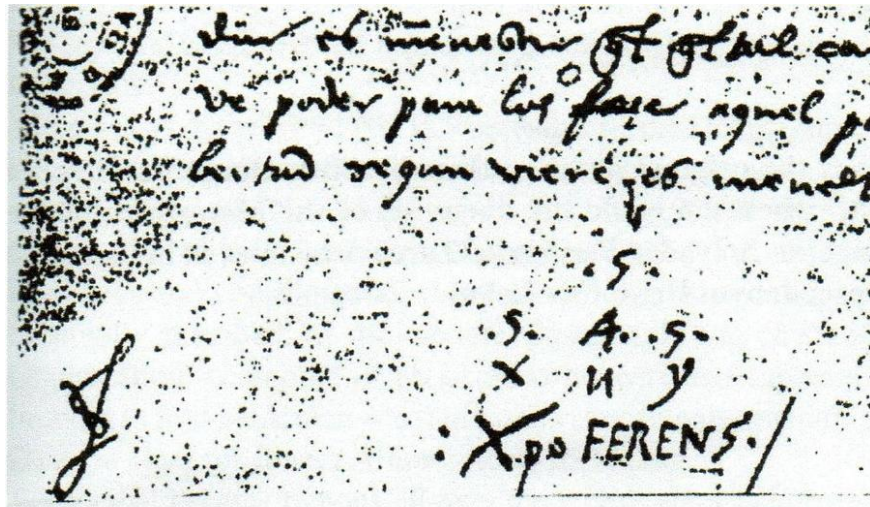
O MONOGRAMA de SALVADOR FERNANDES ZARCO

(Sílvia Jorge da Silva)

A Sílvia tem sido uma bordadeira excelente e tem feito vários monogramas. Usando a sua experiência

foi capaz de desentrelaçar as letras que compõem o Monograma que aparece em 15 documentos originais e ninguém

foi capaz de diagnosticar o Monograma até a Sílvia o fazer em 1988!



Monogram

Sigla

Aqui está o desenho original com as cores que a Sílvia usou para conseguir o seu diagnóstico original.

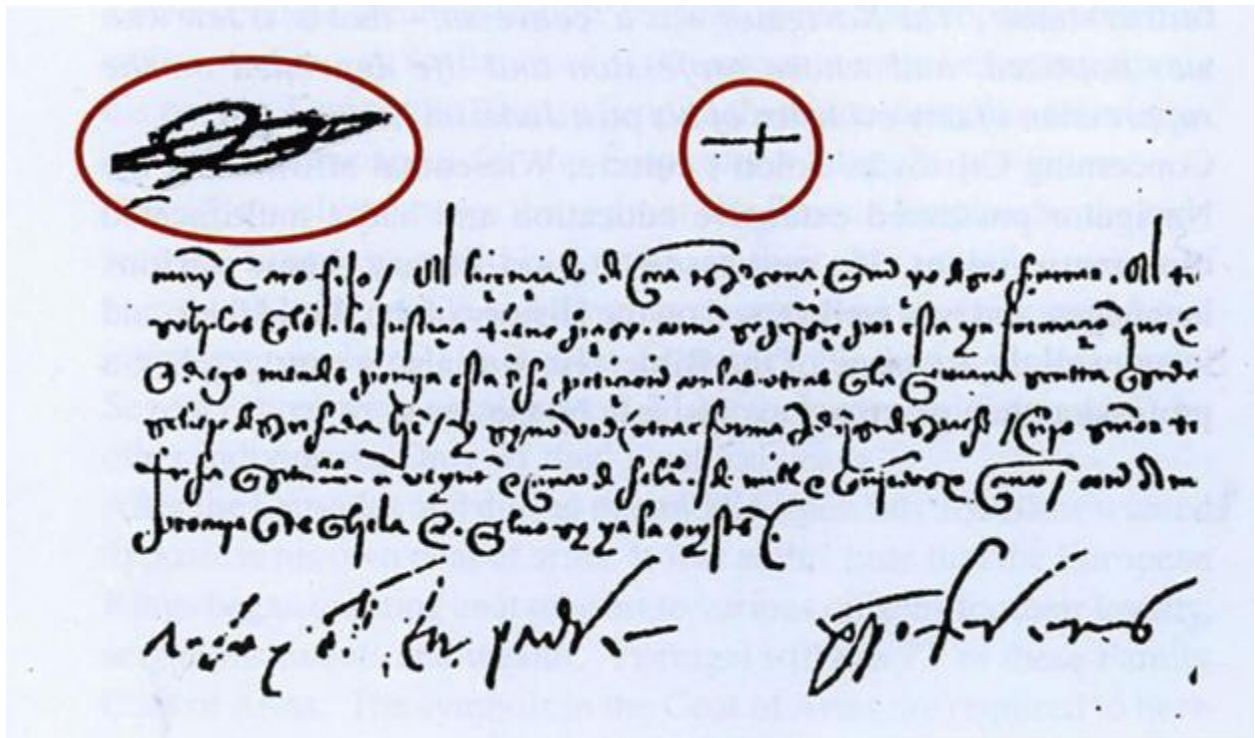


This is the original drawing done by Sílvia Jorge da Silva, in 1988, when she made the diagnosis of the Monogram of the Navigator Salvador Fernandes Zarco who later in life adopted the pseudonym Cristofõm Colon

O QUINTO MANDAMENTO:

Simon Wiesenthal foi um Arquitecto Judaico que investigou em profundidade a vida

e os documentos do Navegador Cristóvão Colon.

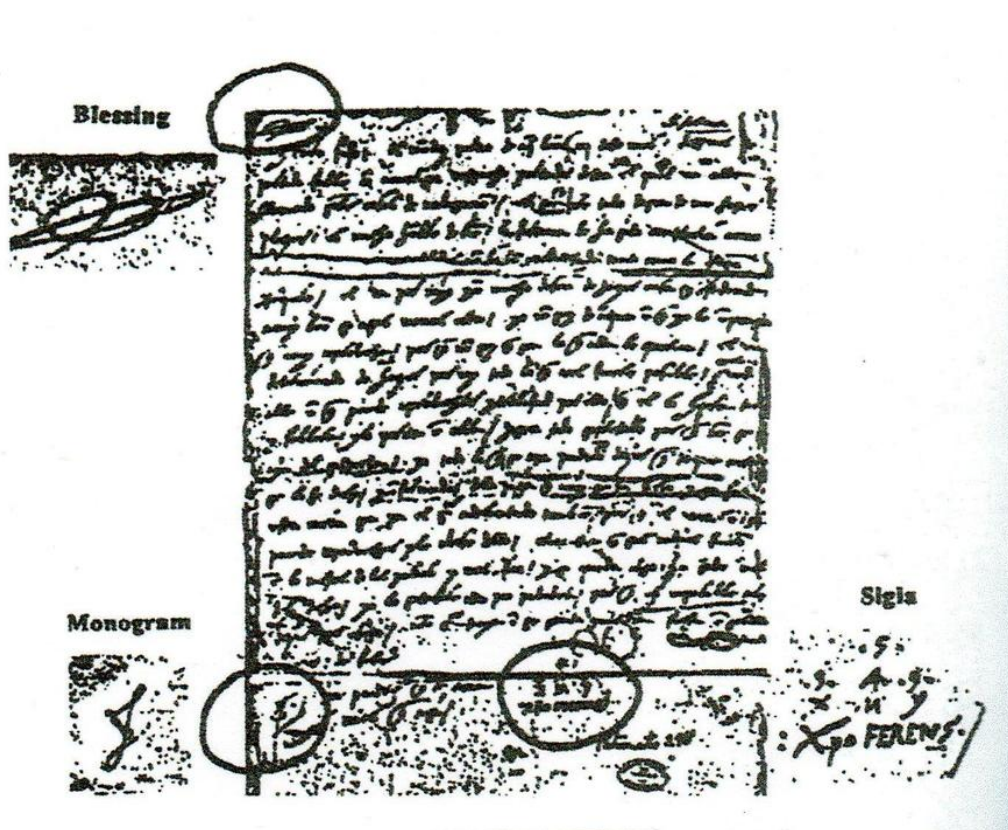


Notar que esta carta para o filho Diogo apresenta a Bênção em hebraico no lado esquerdo superior, - " Deus te abençoe"-

mas também apresenta uma Cruz a demonstrar que o Navegador era cristão, por causa da Inquisição...

A Bênção está escrita da direita para a esquerda como se faz em Hebraico e tem os caracteres de *Beth* e *Hei* que são as iniciais de "Deus te abençoe"

Uma das últimas cartas endereçadas ao Filho Diogo:



Notar que esta carta apresenta as três Cifras -- A Bênção na extremidade superior esquerda,

o Monograma na parta inferior esquerda e a Sigla na parte inferior direita.

SEXTO MANDAMENTO

40 Portuguese Place-Names in the Caribbean placed by Columbus

(1) Belém	(21) Ponta Galera	
(2) Boca das Serpentes	(22) Pta. Santo António	
(3) Boca de Touro	(23) Porto Santo	
(4) Boca do Dragão	(24) São Bernado	Italians
(5) Brasil	(25) Santiago	Names
(6) Cabo Alfa	(26) Sanctus Spiritus	
(7) Cabo Isabel	(27) Sta. Catarina	Bologna
(8) Cabo de S. João	(28) Sta. Clara	Firenze
(9) Cabo Ómega	(29) Sta. Cruz	Génova
(10) Cabo Roxo	(30) Sta. Luzia	Napoli
(11) Cabo Roxo	(31) Sto. João Baptista	Bologna
(12) Conceição	(32) Sto. Jorge	Milano
(13) Coração	(33) Sto. Luis	Pádua
(14) Cuba	(34) Sto. Nicolau	Pisa
(15) Guadiana	(35) Sto. Domingo	Roma
(16) Ilha dos guinchos	(36) Sto. Miguel	Taranto
(17) Isabel	(37) Sto. António	Torino
(18) Margarita	(38) Sto. Vincente	Venezia
(19) Mourão	(39) Vera Cruz	Verona
(20) Ponta de Faro	(40) Trindade	

Estes mesmos nomes em Português aparecem nos Açores, Madeira, Cabo Verde,
ao longo da Costa de

África e nas terras que os portugueses descobriram e colonizaram.

O Colombo italiano NUNCA falou italiano, NUNCA escreveu NADA em Italiano.

Se ele era italiano porque é que ele NUNCA aplicou nas ilhas das Caraíbas os
nomes das cidades

famosas italianas que já existiam na península itálica há 500 anos,

as quais indicamos acima na coluna do lado direito com as cidades italianas?

SÉPTIMO MANDAMENTO

Vamos agora rever a prata da casa!

Rever três historiadores portugueses muito sérios:

João de Barros, Gaspar Frutuoso e Major Santos Ferreira.

COLOM foi usado TREZE VEZES nas "Décadas da Ásia" de João de Barros (n. 1496 e m. 1570).

João de Barros foi Historiador da Corte Real Portuguesa e o Controlador mais SÉRIO da Casa da Índia.

João de Barros foi considerado o Historiador mais sério da Época dos Descobrimentos.

Leia com atenção esta descrição histórica para formular um conceito verdadeiro

deste período glorioso da História de Portugal.

Aumente esta imagem para poder ler melhor este documento.

o seguiam, e com elle hũ seu principal capitam. O qual capitam desconfiado de sua vida, ante de chegar a el rey, lhe mandou pedir que polo deos em que elle cria lhe aprouuesse q fosse baptizado ante de sua morte, ca nam queria perder alma pois ja tinha perdido o corpo: porque elle cria ser aquelle o verdadeiro deos que os homees deuem adorar, por quanto ao tempo de sua peleja, elle vira muyta gente a cavallo armada que seguia hũ final tal como aquelle que adorauam os Chriſtãos, causa de todo seu estrago, por esta ser a gente que pelejava. El rey sabendo a penitencia deste e como pedia o baptisimo, nam somente lho mandou dar, mais ainda lhe perdoou: e por memoria deste feito elle e todolos de sua linhagem ficaram obrigados de varrer e alimpar a igreja, e trazer agua para se baptizarem todolos pagãos. O qual penitenciado foy entregue aquelle honrado e catholico baram dom Gonçalo, que muyto ajudou a este rey nas cousas da fe: e porque ao tempo que se baptizou este capitam tomou o nome delle do Gonçalo, elle e fez capitam da gũa parte das suas terras em o recolhimento de suas rendas. Dando Alquitimo irmão del rey assy das feridas do corpo em que cayo, como de nojo do seu cõso: faleceo em sua indignaçã. El rey assentadas suas cousas ficou pacifico em seu regno, posto que teve muyto trabalho com alguns principaes delle, que per muytas partes se rebellauam por razam da idolatria: mas deos lhe deu sempre victoria delles. No qual nõsso senhor deu tanta vida naquelle estado real, que regnou cinquenta e tantos annos, e faleceo em idade de oitenta e cinco, e em todo o tempo depois que recebeu a fe, e o ultimo dia de sua vida, mostrou nam somente virtudes de Chriſtianissimo principe, mais ainda exercitou officio de apostofo: pregando e conuertendo per sy grande parte do seu pouo, zelando tanto a honra de deos que neste exercicio empregou o mais de sua vida. E para melhor exercitar este officio de pregador, aprendeo aler a nõsso lingoagem: e estudaua per a vida de Chriſto e seus euangelhos, vidas dos sanctos, e outras doutrinas catholicas que elle com algũa infancia dos nõsso sacerdotes podia aprender, declarando tudo aquelle seu barbaro pouo. Mandou tambem a este reyno de Portugal, filhos, netos, sobrinhos, e alguns moços nobres aprender letras, nam somente as nõsso, mas as latinas e sagradas: de maneira que de sua linhagem cuue ja naquelle seu regno dous bispos, que exercitando seu officio seruiram a deos e deram contentamento aos reys deste regno de Portugal, a cujas despensas todas estas obras eram feitas. E por memoria desta miraculosa victoria que nõsso senhor concedeo a este rey dom Alfonso, em o qual os seus inimigos viram o synal da cruz, e a cavalaria celeste dos anjos em companhia do apostofo Santiago: e assy porque em dia da ijuengam da cruz seu padre recebeu agua de baptisimo, e tambem porque mediante este final que lhe el rey dom Joam mandou (como arras fica) elle ouue grandes victorias dos pouos Albuquerques: tomou por armas hũa cruz branca de prata florida em campo vermelho, e o chefe do escudo azul, e em cada canto do chefe duas viciaras douro, por memoria do apostofo Santiago: e o pe de prata, com mais hũ escudo de cinco de Portugal que e azul, com cinco visantes de prata em aspa, e cetera.

Capitulo. xi. Como a este reyno veo ter hum Chriſtoam Colom, o qual vinha de descobrir as ilhas occidentaes, a que agora chamamos Antilhas, por ser lá ido per mandado del rey dom Fernando de Castella: e do que el rey dom Joam sobrisso fez, e depois per o tempo em diante socedeo sobre este caso.



Procedendo per esta maneira as cousas deste descobrimento, estando el rey o anno de quatro centos noventa e tres a seis de março em Val do parayso junto do mosteiro de nõsso senhora das virtudes termo de Santarem, por razam da peste que andaua per aquella comarca: foy lhe dito que ao porto de Lirboã era chegado hũ Chriſtoam Colom, o qual diziam que vinha da ilha Cypango, e trazia muyto ouro e riquezas da terra. El rey porque conhecia este Colom, e sabia que per el rey dom Fernando de Castella fora enuiado a este descobrimento, mado lhe rogar q quisesse

vir a elle pera saber o que achára naquella viagem: o que elle fez de boa vontade, nã tanto por apazera el rey quanto por o magoar com sua vista. Porque primeiro que fosse a Castella andou com elle mesmo rey dom Joam que o armasse pera este negocio, o que elle nã quis fazer por as razões que abaixo diremos. Chegou Colom ante el rey, pero que o recebeu com galaldado, ficou muy triste quando vio a gente da terra que com elle vinha nam ser negra de cabelo ruolto e do vulto como a de Guiné, mas conforme em aspecto cor, e cabelo como lhe diziam ser a da India, sobre que elle tanto trabalhava. E porque Colom falava mayores grandezas e cousas da terra do que nella avia, e isto com hũa soltura de palavras, acufando e reprehendendo a el rey em nam acceptar sua offerta: indinou tãto esta maneira de falar a alguns fidalgos, que ajuntando este auorecimento de sua soltura, com a mágoa q̄ viam ter a el rey de perder aquella empresa, offererã se delles que o queriam matar, e com isto se euitaria ir este homem a Castella. La verdadeiramente lhe parecia q̄ a vinda delle avia de prejudicar a este reyno, e causar algum desalofego a sua alteza, porrazam da conquista que lhe era cõcedida pelos summos pontifices: da qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gente. As quaes offeras el rey nam acceptou, ante as reprehendeo como principe catholico, posto q̄ deffte feito de sy mesmo teugesse escandalo: e em lugar disso fez merce a Colom e mandou dar de vestir de gran aos homes que trazia daquelle novo descobrimento, e com isto o despedio. E porque a vinda e descobrimento deste Christouão Colom (como entã alguns pronosticaram) causou logo entre estes dous reys, e depois a seus successores algũas paixões e contenidas, com que de hũ reyno a outro ouue embaixadas, assentos, e pactos, tudo sobre o negocio da India que e a materia desta nõssa escriptura: nam parecera estranho dellatractar do principio deste descobrimento e do que delle ao diante socedeo. Segundo todos affirmam Christouão Colom era Venoes de naçam, homem esperto, eloquentẽ, e bom latino, e muy gloriozo em seus negocios. E como naquelle tempo hũa das potencias de Italia que mais navegava por razam de suas mercadorias e comnercios, era a naçam Venoes: este seguindo o uso de sua patria e mais sua propria indinacãm, andou navegando per o mar de levante tanto tempo, te que veo a estas partes de Espanha, e deu se a navegacãm do mar oceano seguindo a ordem de vida q̄ ante tinha. E vendo elle que el rey dom Joam ordinariamente mandava descobrir a costa de Africa com intencãm de per ella ir ter a India, como era homem latino e curioso em as cousas da geographia, e lya per Marco Paulo que falava modernamente das cousas orientaes do regno Cathayo, e assy da grande ilha Cypãgo: veo a fantesiar que per este mar oceano occidental se podia navegar tanto, te que fossem dar nesta ilha Cypãgo, e em outras terras incognitas. Porque como em o tempo do infante dom Henrique se descobriam as ilhas terceiras, e tanta parte de terra de Africa nunca sabida nam cuidada dos Espanhões: assy poderia mais ao ponente aver outras ilhas e terras, porque a natureza nam avia de ser tão desordenada na cõposicãm do orbe vniuersal, que quisesse dar lhe mais parte do elemento da agua que da terra descuberta, pera vida e criacãm dos animaes. Com as quaes imaginações que lhe deu a continacãm de navegar, e pratica dos homes desta profissãm que avia neste regno muy expertos com os descobrimentos passados: veo requerer a el rey dom Joam q̄ lhe desse algũs navios pera ir descobrir a ilha Cypãgo per este mar occidental. Nam confiado tanto em o que tinha sabido (ou por melhor dizer sonhado) das ilhas occidentaes, como querẽ dizer algũs escriptores de Castella: quanto na experiencia que tinha em estes negocios, serẽ muy acreditados os estrangeiros. Assy como Antonio de Valle seu natural, o qual tinha descoberto a ilha de Santiãgo de que seus successores tinham parte da capitania: e hum Joam Baptista francẽs de naçam, tinha a ilha de Albaro, e Jos. Outra framengo outra do Fayal. E per esta maneira, ainda q̄ mais nam achasse que algũa ilha hẽtima, segundo logo eram mandadas pouoar: ella bastava pera satisfazer a despeza q̄ co elle fizellesen. Esta e a mais certa causa de sua imprefa q̄ algũas fições (q̄ como dissemos) dizem escriptores de Castella, e assy Pero nymo Cardano medico Milãnes, barã certo, docto, e ingenioso: mas em este negocio mal informado. Porque escreve em o liuro que compoz de sapientia, q̄ a causa de Colom tomar

Da primeira decada

3

esta impresa, foy daquelle dito de Aristoteles, que no mar oceano alem de Africa, auia terra pe-
ra á qual nauégauam os Cartaginenses: e por decreto publico foy deseso que ninguem naué-
gassearella, porque com abastança e mollicias della se nem apartassem das cousas do exercicio
de guerra. El rey porque via ser este Christouã Colom homem falador e gloriôso em mostrar
suas habilidades, e mais fantastico e de imaginações com sua ilha Cypango, que certo no q̃
dizia: cáualhe pouco credito. Com tudo a força de suas imposições, mandou q̃ estuêsse
coo do Díogo Diaz bispo de Cepta, e com mestre Rodrigo e mestre Josope, a quem elle co-
metia estas cousas da cosmographia e seus descobrimentos: e todos ouueram por vaidade as
palavras de Christouã Colom, por tudo ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cy-
pango de Albarco Paulo, e nam em o que Jerónimo Cardano diz. E com este desengano es-
pedido elle del rey se foy pera Castella, onde tambem andou ladrando este requerimento em
a corte del rey dom Fernando, sem o querer ouuir: te que per meyo do arcebispo de Toledo
dom Íberó Gonzaluez de Mendóca el rey o ouiuo. Finalmente recebida sua offerta, el rey lhe
mandou armar tres carauelas em Íbalos de Aboguer, donde partio a tres dias de agosto do
anno de mil quatro centos nouenta e dous: e deste dia a dous meses e meyo que foram a on-
ze de outubro viram a ilha a que os da terra chamã Suanahany, que é hũa daquellas a que ora
os castelhanos chamam as ilhas brancas dos Lucayos, e elle lhe pos nome as princezas por
serem as primeiras q̃ se viram. E a esta Suanahany chamou Sã Saluador: e dali se passou
a ilha Cuba, e della a que os da terra chamam Wayte, e os castelhanos Espanhola. E porq̃
elle perguntaua aos moradores por Cypango, que era a ilha do seu propósito, e elles enten-
diam por Libão que é hũ lugar das minas da ilha Wayte: o leuaram a ella, onde foy muy bé-
recebido do rey da terra a que elles chamam Lacique. E porq̃ acharam nelle e na gẽte muy-
ta facilidade, leitou aly trinta e oito hõmees em hũ acolhimento de madeira em modo de for-
taleza: e trazendo consigo dez ou doze naturaes daquela terra, fez se na volta de Espanha, e che-
gou a Lixbõa a seis de março do anno seguinte (como dissemos.) El rey dom Joan com
a nõua do sitio e lugar que lhe Colom disse da terra deste seu descobrimento, ficou muy confu-
so: e creio verdadeiramente q̃ esta terra descuberta lhe pertencia, e assy lho dauam a entender as
peçoas de seu conselho. Principalmente aquelles que eram officiaes deste mistẽr da geogra-
phia, por a pouca distancia que auia das ilhas terceiras a estas que descobrira Colom, sobre
o qual negocio teue muytos conselhos: em que assentou demandar logo a dom Francisco Dal-
meyda filho do conde de Albantes dom Lopo com hũa armada a esta parte. Da qual armada
sendo el rey dom Fernando certificado, per seus mensajeiros e cartas se mandou queixar a el
rey, requerẽdolhe que a nam enuiasse te se determinar se era da sua conquista, e que pera prãti-
ca do caso podia mandar seus embaixadores. El rey como sua tençam nesta armada que fazia
era por lhe parecer que no descuberto tinha justiça: por comprazer a el rey dom Fernando man-
dou cessar della te primeiro se determinar. E pera isso mandou a Castella logo no junho seguin-
te deste mesmo anno ao doctor Íberó Diaz e Ruy de Dina cavaleiro de sua casa, estando el rey
dom Fernando em Barcelona: ao tempo que per el rey Carlos de França se fez a segunda con-
córdia e entrega de Perpinham e condado de Rusylhã. Com que el rey dom Fernando
ficou tam próspero em seus negócios: que estas peçoas q̃ el rey tinha mandado a elle se vieram
sem conclusam, sõmente que elle lhã enuiaria per seus embaixadores. Os quaes estando el rey
em Lixbõa vieram: a hũ chamãuam Íberó Dayala, e a outro dom Garcia de Caruajal, ir-
mão do Cardeal sancta Cruz. E como a tençam del rey dom Fernando era dilatar este caso te
lhe viem outr os natios que tinha enuiado a estas ilhas que descobrira Colom, pera que se-
gundo a calidade da cousa assy fazer a estima della: começaram os embaixadores tratar em ou-
tras matérias, com tanta variadade por se deter, que entendendo el rey do Joan o caso, disse
que aquella embaixada del rey seu primo nam tinha pees nem cabeça. Alludindo isto a Íberó
Dayala que era manco de hũ pé, e a dom Garcia por ser hõmem hũ pouco enleuado e vão: e
sem outra conclusam se tomara pera Castella. Íbera o qual caso se acabar de conduyz, enuiuou
el rey a Castella Ruy de Sousa e seu filho dom Joan de Sousa, e Alyes Dalmada cor-

se achára naquella viagem: o que elle fez de boa vontade, nã tanto por
 por ò magoar com sua vista. Porque primeiro que fosse a Castella an-
 do João que ò armasse pera este negocio, o que elle nã quis fazer por
 iremos. Chegádo Colom ante el rey, peró que ò recebeo com gasalhã
 ndo vio a gente da terra que com elle vinha nam ser negra de cabello
 ò ò de Buinẽ, mas conforme em aspecto cor, e cabello como lhe diziam
 ue elle tanto trabalhãua. E porque Colom falaua mayores grandezas
 e nella auia, e isto com hũa soltura de palauras, acusando e reprehẽ-
 acceptar sua offerta: indinou tãto esta maneira de falar a alguns fidal-
 e auozrecimento de sua soltura, com a magoã q̃ viam tẽr a el rey de per-
 crecẽrã se delles que ò queriam matar, e com isto se euitaria ir este hó-
 dadeiramente lhe parecia q̃ a vinda delle auia de prejudicar a este rey.
 fofego a sua alteza, porrazã da conquista que lhe era cõcedida pelos
 qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gẽte. Els quaes
 ou, ante as reprehẽdeo como principe catholico, posto q̃ deste feito
 ndãlo: e em lugar d'isso fez mercẽ a Colom e mandou dar de vestir de
 azia daquelle nouo descobrimento, e com isto ò espedio. E porque a
 deste Christouão Colom (cõmo entã alguns pronosticãram) causou
 e, e depois a lens luccellores algũas paixões e conteridas, com que
 e embairãdas, assentos, e pactos, tudo sobre o negocio da India que
 criptura: nam parecera estranho della tractar do principio deste desco-
 ao diante socedeo. Segundo todos affirmam Christouão Colom era
 nem experito, eloquentẽ, e bom latino, e muy glorioso em seus nego-

Nesta parcela do documento podemos ler melhor o nome COLOM

OITAVO MANDAMENTO

O Historiador Gaspar Fructuoso é indiscutivelmente o MAIOR Historiador dos Açores.

Usou QUARENTA VEZES na sua descrição da descoberta da América o nome COLON.

Reparem que ele põe o acento agudo no primeiro ó de CÓLON, para coincidir com a pronúncia do grega!

Quanto ao que das Antilhas ou Índias de Castela duvidais, por esta regra, que já disse, de conceder o lugar a quem primeiro o ocupa, e pode ser também por alguma confirmação do Padre Santo, que eu não alcancei ver nem saber, toda esta conquista do mar oceano descobriu e possuiu o Infante D. Henrique, que mandou descobrir estas ilhas dos Açores e por seu falecimento se diz que a deixou à Coroa Real de Portugal, como ao tronco donde ele descendia, a qual tiveram estes reis alguns anos, até que em tempo de El-rei D. João, segundo do nome, se antremeteu um Cristóvam Colón e quis fazer outra navegação diferente daquela, não ao longo da costa da terra firme, mas desviando-se pelo espaçoso mar do ponente, ao qual El-rei não quis dar crédito nem ouvidos, que foi causa de se dividir e partir esta conquista, como agora contarei.

Um homem de nação italiano, genoês, chamado Cristóvam Colón, natural de Cugurco, ou Narvi, aldeia de Génova, de poucas casas, avisado e prático na arte da navegação, vindo de sua terra à ilha da Madeira, se casou nela, vivendo ali de fazer cartas de marear. Aonde, antes do ano de mil e quatrocentos e oitenta e seis, veio aportar uma nau biscainha, ou (segundo outros) andalusa, ou portuguesa, havendo com tormentas e tempos contrários descoberto parte das terras que agora chamamos Índias Ocidentais ou Novo Mundo. O piloto, cujo nome se não sabe, nem de que nação era (sômente têm alguns que era português e carpinteiro), e três ou quatro companheiros, que com ele vinham, sem ninguém saber até agora que viagem levavam, senão somente que andavam pelo mar oceano do ponente, tendo um tempo rijo e tormenta grande, a qual os levou perdidos pela profundidade e largura do espaçoso mar até os pôr fora de toda conversação e notícia que os experimentados marinheiros e sábios pilotos sabiam e alcançavam por ciência e longa experiência, onde viram pelos olhos terras nunca vistas nem ouvidas. Com a mesma tormenta que os levou a vê-las, ou com outra contrária, se tornaram pera Espanha, tão perdidos e destroçados, que, de muitos marinheiros que deviam ser, somente escapou o piloto que digo, com três ou quatro companheiros, os quais, chegando à ilha da Madeira, onde Cristóvam Colón morava, acaso se agasalharam e pousaram em sua casa, onde foram bem hospedados; mas não aproveitou isso pera poderem cobrar forças e saúde, porque vinham tão perdidos e destroçados, tão pobres e famintos, tão fracos e enfermos, que não puderam escapar com a vida, não tardando em morrer. E, não tendo o piloto na morte outra coisa melhor que deixar a seu hospede, em pago da boa obra (que, ainda que feita a pobre gente,

não perde seu prêmio, antes, a quanto maior pobre se faz, alcança maior galardão) deu-lhe certos papéis e cartas de marear e relação mui particular do que em aquele naufrágio tinha visto e entendido. Recebeu isto Cristóvam Colón de mui boa vontade, porque seu principal officio era tratar em cousas do mar e fazia muito a caso de sua arte o aviso deste piloto e de seus companheiros. Mortos eles, começou Cristóvam Colón a levantar os pensamentos e a imaginar que, se por ventura ele descobrisse aquelas novas terras, não era possível senão que nelas acharia grandes riquezas e que seria pera ele cousa de muita honra e proveitosa. E pera ver se levavam caminho suas imaginações, comunicou seu negócio com Frei João Perez de Marchena, do mosteiro da Arrábida, bom cosmógrafo, o qual (parecendo-lhe que não ia fora de caminho) lhe aconselhou que não deixasse de procurar esta navegação, que não podia ser senão de proveito e honra juntamente. Desta maneira contam isto os escritores castelhanos.

Mas João de Barros, docto e curioso inquiridor das verdades, dá outras razões que moveram a Cristóvam Colón, dizendo que era homem experto, eloquente e bom latino e mui glorioso em seus negócios. E, como naquele tempo os genoeses eram os que dos italianos mais navegavam, por razão de suas mercadorias e comércios, este Colón, seguindo o uso de sua pátria e sua própria inclinação, andou navegando pelo mar de Levante tanto tempo, té que veio às partes de Espanha e deu-se à navegação do mar oceano, seguindo a ordem de vida que dantes tinha. E vendo ele que El-rei D. João não cessava de mandar descobrir a costa de África com tenção de per ela ir à Índia, como era homem latino, curioso em as cousas da geografia, e lia por Marco Paulo, que falava modernamente das cousas orientais do Regno Cataio e assi da grande ilha Cipango, veio a fantesiar que por este mar oceano occidental se podia navegar tanto, té que fossem dar nesta ilha Cipango e em outras terras incógnitas, porque, como no tempo do Infante D. Henrique se descobriram estas ilhas dos Açores e tanta parte da terra de África nunca sabida nem cuidada dos espanhóis, assi poderia, mais ao ponente, haver outras ilhas e terras. Com as quais imaginações, que lhe deu a continuação do navegar e prática dos homens desta profissão, que havia no regno de Portugal mui expertos com os descobrimentos passados, veio a querer ter requerimentos com os reis, que, pois ele não podia, lhe dessem navios pera ir descobrir a ilha Cipango por este mar occidental, não confiando tanto em o que tinha sabido (ou por melhor dizer sonhado) dalgumas ilhas

e Castela duvidais, por esta
a quem primeiro o ocupa,
ção do Padre Santo, que
a conquista do mar oceano
rique, que mandou descobrir
ento se diz que a deixou à
nco donde ele descendia, a
é que em tempo de El-rei
teu um Cristóvam Cólom e
puela, não ao longo da costa
spaçoso mar do ponente, ao
uvidos, que foi causa de se
ora contarei.

chamado Cristóvam Cólom,
le Génoa, de poucas casas,
ão, vindo de sua terra à
do ali de fazer cartas de
tatrocentos e oitenta e seis,



Nesta imagem poderemos ver bem claro o acento agudo no primeiro ó de
CÓLON.

ocidentais, como querem dizer alguns escritores de Castela, quanto em a experiência que tinha em estes negócios serem acreditados os estrangeiros. Assim como António de Nole, seu natural, o qual tinha descoberto a ilha de Santiago, de que seus sucessores tinham parte da capitania, e um João Baptista, francês de nação, tinha a ilha de Maio, e Jós Dufra framengo, outra do Faial. E per esta maneira, ainda que mais não achasse que alguma ilha erma, segundo logo eram mandadas povoar, ela bastava pera satisfazer a despesa que com ele fizessem. Esta é a mais certa causa de sua empresa, que algumas ficções que (como ele disse) dizem escritores de Castela.

E Hierónimo Cardano, médico milanês, diz em o livro que compôs "De Sapiaentia" que a causa de Cólon tomar esta empresa foi um dito de Aristóteles, que no mar oceano além de Africa havia terra, pera a qual navegavam os cartaginenses, e por decreto público foi defeso que ninguém navegasse pera lá, por que, com a abastança e molícias dela, se não apartassem das cousas da guerra.

Era Cristóvam Cólon animoso e de altos pensamentos, mas pobre e sem cabedal bastante pera cometer uma cousa de tanta dúvida e custo, pelo qual cuidou que seria bom pedir favor de algum príncipe cristão. E como naquele tempo El-rei de Portugal, D. João, o segundo do nome, estava ocupado em a conquista tão dificultosa e custosa da Índia e El-rei D. Fernando de Castela na guerra de Granada, determinou de se ir a Ingraterra a El-rei Henrique sétimo. Por não perder tempo mandou lá a Bartolomeu Cólon, seu irmão, e como não achou a entrada que quisera, tornou-se sem negociar nada, pelo qual acordou tentar, todavia, a El-rei de Portugal. E foi-lhe tão contrário o licenciado Calçadilha, bispo de Viseu, que não pôde alcançar cousa alguma; antes o tiveram por enganador e mentiroso. Foi-se com isto Cólon, meio desesperado, a Castela e em Palos de Moguer comunicou suas imaginações com Martim Fernandes Pinção, grande piloto, e, de conselho deste e de Frei João Perez de Marchena, frade de S. Francisco, grande humanista, morador na casa da Arrábida, do qual levou cartas pera D. Frei Fernando de Talavera, Bispo de Avila, confessor da rainha, pôs em prática seu negócio com D. Henrique Gusmão, Duque de Medina Sidónia, e depois com D. Luiz de Lacerda, Duque de Medina Celi, que tinham bons portos, que o ajudassem ao descobrimento destas terras novas, os quais fizeram escárnio dele, que certo parecia cousa de zombaria, mormente que Cólon

andava tão mal tratado e só, que perdiam muito crédito suas razões com ver sua pouca autoridade, porque é isto assi, que a verdade sem mangas compridas é mui mal recebida em qualquer boda e, quase sempre, cada feira vale menos.

Finalmente acordou de se ir à corte de El rei D. Fernando de Castela, pera quem estava guardada tão boa ventura, em a qual entrou no ano de mil e quatrocentos e oitenta e seis. Aos principios também zombavam dele ali, como nas outras partes, pelo qual e pelas muitas occupações de El-rei com a guerra de Granada, não se lhe deu audiência tão asinha. Todavia achou favor em Afonso de Quintanilha, contador-mor, o que fez as leis da Irmandade. Este deu a Cólon entrada em casa do Cardeal D. Pêro Gonçalves de Mendonça. O Cardeal (que tudo mandava) o pôs com El-rei e da primeira vista tirou boas palavras e esperança de que, acabada a guerra de Granada, se salaria em seu negócio mais de propósito, porque até então não haveria bom aparelho de dinheiro. Antreteve-se com isto Cristóvam Cólon na corte perto de seis anos. E quando viu acabada a guerra com tão bom successo, tornou a tratar de seu negócio e, por fim, se lhe deu licença pera ir descobrir as terras que dizia e pera que armasse os navios que lhe fossem necessários.

Deram-lhe dezasseis mil cruzados, que se tomaram emprestados de Luiz de Sanctangel, escrivão de rações. No ano de mil e quatrocentos e noventa e dois assinaram os Reis de Castela a Cólon a décima parte dos direitos reais das terras que descobrisse, contanto que o descobrimento fosse sem prejuizo dos Reis de Portugal. Fizeram-se estes concertos na cidade de Santa Fé, e o privilegio da mercê em a de Granada a trinta dias de Abril do dito ano de mil e quatrocentos e noventa e dois. E com isto se partiu da corte mui contente. Em Palos de Moguer tomou companhia com Martim Fernandes Pinção e com Afonso Pinção, seu irmão, os quais armaram duas caravelas, e de uma delas foi capitão um dos Pinções e Bartolomeu Cólon da outra, e Cristóvam Cólon tomou o titulo de capitão geral da frota.

Sairam, em nome de Deus, com até cento e vinte companheiros, de Palos de Moguer a três de Agosto do ano do Senhor de mil e quatrocentos e noventa e dois.

Focou Cristóvam Cólon na Gomeira, uma das Canárias. Dali tomou sua derrota a via do ponente. E uma manhã, que foi a onze

dias do mês de Outubro, descobriu terra Rodrigo de Terrazas, outros dizem de Triana, com grande festa. E como a viram, dando todos graças a Deus. começaram a cantar Te Deum Laudamus. Endereçaram a proa logo pera ela e tomaram terra em uma das ilhas Lucaias, que assi se chamavam todas as que ali perto estavam. A em que primeiro saíram foi Guanahamy, que chamou S. Salvador, que é uma daquelas a que ora os castelhanos chamam ilhas Brancas dos Lucaios, e ele lhe pôs nome Primeiras por serem as primeiras que viram entre a Flórida e Cuba. De Guanahamy foram à Barucoa, porto de Cuba. E tomando certos índios, deram volta pera outra ilha, chamada pelos da terra Hayte; puseram nome ao porto onde surgiram, chamando-lhe Porto Real. Em saltando em terra, viram gente que logo se pôs em fugida; não puderam tomar mais que uma mulher, a qual trataram tão bem que ela fez vir ali logo a seu rei (que eles chamam Cacique), o qual saudando-se com Cristóvam Cólón, se deram seus presentes, ficando o Cacique e suas gentes amigos dos espanhóis. E, começando a tratá-los por sinais e mostrar-lhes a Cruz, se amansaram e, como que souberam o que era a Cruz, batiam aos peitos de gijolhos. A alegria que Cólón recebeu disto não se pode encarecer. Começando logo a conversar com eles e cambiar os índios seu ouro e mantimentos por cascavéis e cousas de pouco preço, com o serviço dos índios edificou mui prestes um castelo de terra e madeira, pera deixar ali alguns dos seus e vir a Castela com tão alegre nova. Pôs nele a Diogo de Arana com trinta e oito companheiros. E porque ele perguntava aos moradores por Cipango, que era a ilha do seu propósito, e eles entendiam por Cibáo, que é um lugar das minas da ilha Hayte, o levaram a ela, aonde foi bem recebido do rei da terra. E tomando consigo dez daqueles índios, quarenta papagaios, alguns galipavos e outras aves, e frutas da terra, e alguma mostra de ouro, que ali havia, e outras cousas diferentes das destas terras, deu volta pera Espanha.

E no ano seguinte de mil e quatrocentos e noventa e três, (estando El-rei de Portugal, D. João, o segundo do nome no lugar de Vale de Paraízo, que é acima do mosteiro das Virtudes, por caso das grandes pestes que nos lugares principais daquela comarca havia) a seis dias de Março, veio ter a Restelo, em Lisboa, este Cristóvam Cólón, que vinha deste descobrimento das ilhas de Cipango e Antilhas (como dito é), que, per mandado de El-rei e da Rainha de Castela, tinha descoberto; das quais trazia as ditas mostras das gentes e ouro e outras cousas que nelas havia. E, sendo

3

El-rei disso avisado, o mandou chamar e mostrou, por isso, receber nojo e sentimento, assi por crer que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e termos de seus senhorios de Guiné, como porque o dito Cólón, por ser de sua condição alevantado, e no modo do contar das cousas fazia isto em ouro e prata e riquezas muito maior do que era, e acusava El-rei por se escusar deste descobrimento e não no querer mandar a isso, pois primeiro se lhe viera oferecer que aos Reis de Castela, e que fora por lhe não dar crédito. E El-rei foi cometido que houvesse por bem de lho matarem ai, porque, com sua morte, o descobrimento de Castela não iria mais avante por todos terem pera si que estavam aquelas ilhas dentro dos limites da conquista de Portugal, por a pouca distância que havia destas ilhas dos Açores a estas que Cólón descobrira, e que, dando Sua Alteza a isso consentimento, se poderia fazer sem suspeita porque, por ele ser descortês e alvoraçado, podiam com ele travar de maneira que cada um destes seus defeitos parecesse a causa de sua morte. Mas El-rei, como era mui temente a Deus, não somente o defendeu, mas ainda lhe fez honra e mercê e com ela o despediu, mandando vestir de grã os índios que trazia.

E navegando Cólón pera Castela, em cinquenta dias de navegação depois que partiu das Antilhas com duas caravelas (que a terceira em chegando lá se tinha perdido), veio a tomar porto em Palos de Moguer, donde partiu logo pera Barcelona, aonde El-rei de Castela estava, e entrou na corte a três dias de Abril do ano de mil e quatrocentos e noventa e três, oito meses justos depois que de Palos de Moguer havia partido pera as Índias, com tanto nome e fama, que espantava as gentes, apresentando diante dos Reis aquelas cousas de ouro e as mais que das novas e incógnitas terras trazia. Chegaram a Barcelona vivos seis índios, que os demais morreram no caminho. Baptizaram-nos a todos seis e El-rei e a Rainha foram seus padrinhos e, com eles, o Príncipe D. João. Estes seis índios foram as primícias daquela gentildade e os que primeiro receberam o santo Baptismo.

Foi grandíssimo o contentamento que os Reis Católicos receberam e mostraram deste negócio e muitas as cortesias e honras que a Cólón fizeram, até o fazer assentar diante deles e dar-lhe título de Almirante das Índias e divisas e armas, a ele e a seu irmão, como fidalgos, em cujo brazão tomou Cólón este letreiro: "Por Castilla i por Leon, nuevo mundo halló Cólón", conformando-se o letreiro com a obra. E a seu irmão, chamado Bartolomeu Cólón, que na

41
dias do mês de Outubro, descobriu terra Rodrigo de Ferrazas, outros dizem de Triana, com grande festa. E como a viram, dando todos graças a Deus, começaram a cantar Te Deum Laudamus. Endereçaram a proa logo pera ela e tomaram terra em uma das ilhas Lucaias, que assi se chamavam todas as que ali perto estavam. A em que primeiro saíram foi Guanahamy, que chamou S. Salvador, que é uma daquelas a que ora os castelhanos chamam ilhas Brancas dos Lucaios, e ele lhe pôs nome Primeiras por serem as primeiras que viram antre a Flórida e Cuba. De Guanahamy foram à Barucoa, porto de Cuba. E tomando certos índios, deram volta pera outra ilha, chamada pelos da terra Hayte; puseram nome ao porto onde surgiram, chamando-lhe Porto Real. Em saltando em terra, viram gente que logo se pôs em fugida; não puderam tomar mais que uma mulher, a qual trataram tão bem que ela fez vir ali logo a seu rei (que eles chamam Cacique), o qual saudando-se com Cristóvam Cólou, se deram seus presentes, ficando o Cacique e suas gentes amigos dos espanhóis. E, começando a tratá-los por sinais e mostrar-lhes a Cruz, se amansaram e, como que souberam o que era a Cruz, batiam aos peitos de gíolhos. A alegria que Cólou recebeu disto não se pode encarecer. Começando logo a conversar com eles e cambiar os índios seu ouro e mantimentos por cascavéis e cousas de pouco preço, com o serviço dos índios edificou mui prestes um castelo de terra e madeira, pera deixar ali alguns dos seus e vir a Castela com tão alegre nova. Pôs nele a Diogo de Arana com trinta e oito companheiros. E porque ele perguntava aos moradores por Cipango, que era a ilha do seu propósito, e eles entendiam por Cibáo, que é um lugar das minas da ilha Hayte, o levaram a ela, aonde foi bem recebido do rei da terra. E tomando consigo dez daqueles índios, quarenta papagaios, alguns galipavos e outras aves, e frutas da terra, e alguma mostra de ouro, que ali havia, e outras cousas diferentes das destas terras, deu volta pera Espanha.

E no ano seguinte de mil e quatrocentos e noventa e três, (estando El-rei de Portugal, D. João, o segundo do nome no lugar de Vale de Paraizo, que é acima do mosteiro das Virtudes, por caso das grandes pestes que nos lugares principais daquela comarca havia) a seis dias de Março, veio ter a Restelo, em Lisboa, este Cristóvam Cólou, que vinha deste descobrimento das ilhas de Cipango e Antilhas (como dito é), que, per mandado de El-rei e da Rainha de Castela, tinha descoberto; das quais trazia as ditas mostras das gentes e ouro e outras cousas que nelas havia. E, sendo

El-rei disso avisado, o mandou chamar e mostrou, por isso, receber nojo e sentimento, assi por crer que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e termos de seus senhorios de Guiné, como porque o dito Cólou, por ser de sua condição alevantado, e no modo do contar das cousas fazia isto em ouro e prata e riquezas muito maior do que era, e acusava El-rei por se escusar deste descobrimento e não no querer mandar a isso, pois primeiro se lhe viera oferecer que aos Reis de Castela, e que fora por lhe não dar crédito. E El-rei foi cometido que houvesse por bem de lho matarem ai, porque, com sua morte, o descobrimento de Castela não iria mais avante por todos terem pera si que estavam aquelas ilhas dentro dos limites da conquista de Portugal, por a pouca distância que havia destas ilhas dos Açores a estas que Cólou descobrira, e que, dando Sua Alteza a isso consentimento, se poderia fazer sem suspeita porque, por ele ser descortês e alvoraçado, podiam com ele travar de maneira que cada um destes seus defeitos parecesse a causa de sua morte. Mas El-rei, como era mui temente a Deus, não somente o defendeu, mas ainda lhe fez honra e mercê e com ela o despediu, mandando vestir de grã os índios que trazia.

E navegando Cólou pera Castela, em cinquenta dias de navegação depois que partiu das Antilhas com duas caravelas (que a terceira em chegando lá se tinha perdido), veio a tomar porto em Palos de Moguer, donde partiu logo pera Barcelona, aonde El-rei de Castela estava, e entrou na corte a três dias de Abril do ano de mil e quatrocentos e noventa e três, oito meses justos depois que de Palos de Moguer havia partido pera as Índias, com tanto nome e fama, que espantava as gentes, apresentando diante dos Reis aquelas cousas de ouro e as mais que das novas e incógnitas terras trazia. Chegaram a Barcelona vivos seis índios, que os demais morreram no caminho. Baptizaram-nos a todos seis e El-rei e a Rainha foram seus padrinhos e, com eles, o Príncipe D. João. Estes seis índios foram as primicias daquela gentildade e os que primeiro receberam o santo Baptismo.

Foi grandíssimo o contentamento que os Reis Católicos receberam e mostraram deste negócio e muitas as cortesias e honras que a Cólou fizeram, até o fazer assentar diante deles e dar-lhe título de Almirante das Índias e divisas e armas, a ele e a seu irmão, como fidalgos, em cujo brazão tomou Cólou este leitreiro: "Por Castilla i por Leon, nuevo mundo halló Cólou", conformando-se o leitreiro com a obra. E a seu irmão, chamado Bartolomeu Cólou, que na

viagem e no demais a ela tocante havia antes e depois trabalhado muito, fizeram adiantado.

Deu El-rei de Castela notícia deste negócio ao Papa Alexandre sexto, o qual recebeu o mesmo contentamento que todos receberam de ouvir uma cousa tão nova e importante. Enviou-lhes sua bula, dada em S. Pedro de Roma a quatro dias de Maio do ano seguinte, no ano primeiro de seu pontificado, pela qual lhe fez graça da conquista das novas terras, julgando-lhes o direito dominio de todo o que descobrissem, sem prejuizo dos Reis de Portugal que já descobriam de alguns anos atrás pelo oriente. E pera tirar dúvidas e demandas, declarou na mesma bula a parte que a cada um dos dois Reis de Castela e Portugal havia de caber, concedendo nela uma linha de repartição antre estes dois Reis, El-rei D. Fernando de Castela e El-rei D. João de Portugal. segundo do nome, a qual linha distasse do meridiano das ilhas do Cabo Verde, que passa por estas ilhas dos Açores, por espaço de cem léguas pera a parte do occidente.

Havida esta bula do Sumo Pontífice, determinou El-rei de Castela despachar outra vez a Cristóvam Colón pera as Indias, com muito aparato de gente pera descobrir e povoar aquelas remotíssimas terras. Armaram-se dezassete navios, em que iriam mil e quinhentos homens. E cuidando El-rei de Portugal bem neste negócio e o peso deste caso, se foi logo a Torres Vedras, onde sobre isso teve conselhos, em que foi determinado que armasse contra aquelas partes uma grande armada. Que logo mandou fazer com grande diligência, e fez capitão-mor dela D. Francisco de Almeida, filho do conde de Abrantes, D. Iopo, que depois foi o primeiro visor-rei da Índia, homem de muita confiança e muito bom cavaleiro. E sendo já a armada prestes, chegou a El-rei um mensageiro de El-rei e da Rainha de Castela, os quais, por serem certificados que a dita armada ia contra a sua, que eles tinham aparelhada pera tomar as Antilhas, mandaram requerer a El-rei que a não mandasse até se ver per direito em cujos mares e conquista o dito descobrimento cabia, pera o qual mandasse a eles seus embaixadores e procuradores com todas as cousas que fizessem por seu título, e, segundo razão e justiça, eles se justificariam e concertariam, como fosse direito, pelo qual El-rei deixou de mandar a dita armada.

Saiu Colón com a segunda frota, que aparelhada estava, do porto de Caliz a vinte e cinco de Setembro de mil e quatrocentos e

5

noventa e três anos.

E El-rei de Portugal, sobre este negócio, mandou logo a El-rei de Castela o Doctor Pero Dias e Rui de Pina, cavaleiro de sua casa, que, da verdade bem informados, foram ter com El-rei, que estava em Barcelona ao tempo que, por El-rei Carlos de França, se fez a segunda concórdia e entrega de Perpinião e do condado de Russilhão em Catalunha. E os ditos procuradores não tomaram com El-rei conclusão alguma e a causa foi por lhe sucederem assi prosperamente seus negócios com França e, principalmente, porque antes de tomarem concerto sobre a dita conquista, ilhas e terras, quizeram outra vez ser certificados de toda a verdade delas e de todo o que nelas havia, pera que já tinham enviados seus navios (como está dito), que ainda não eram tornados, porque, segundo fosse a estima das ditas terras, assi se concertariam. E pera dilatarem este negócio, que não parecesse que o faziam por esperar a dita armada e passar este tempo sem se tomar conclusão, ordenaram de enviar a reposta a El-rei de Portugal por seus embaixadores, e assi lho mandaram dizer pelos embaixadores de El-rei de Portugal, que se tornaram com esta reposta.

E logo mandaram a El-rei de Portugal, El-rei e a Rainha de Castela, por embaixadores, um Dom Pedro de Ayala e D. Garcia Carvajal, irmão do Cardeal Santa Cruz, que sobre o dito caso traziam procuração pera concerto, os quais acharam El-rei em Lisboa e foram com muita honra recebidos, e eles traziam honrada companhia e grande aparato do negócio, tudo fingido. E depois de estarem com El-rei, tais cousas requereram e apontaram e por tais meios e modos, tão fora de razão e concrusão, que bem claro se viu que vinham mais pera dilatarem que pera concerto algum, segundo suas razões e palavras eram mal concertadas.

Neste meio tempo, fazendo Colón sua segunda viagem pera as Antilhas, a primeira terra que tocou, depois das Canárias, foi uma ilha que chamou a Desejada. Dali foi desembarcar na Espanhaola (que assi quis chamar), e ao porto chamou-lhe da Prata. E, achando em Hayte os companheiros mortos pelos índios, porque lhe tomavam as mulheres, não quis povoar senão outra ilha, que chamou a Isabela, por honra da Rainha Católica, D. Isabel. Fez uma fortaleza nas minas e pôs nela por alcaide a Mosem Pedro Margarite.

E com isto despachou, dos dezassete navios que levava, doze pera Espanha, com António de Torres, e deu-lhe muitos grãos de ouro e outras muitas cousas que trouxesse.

Chegado Torres a Espanha, depois que os reis de Castela foram sabedores de todo o das ditas ilhas e terras por estes navios que vieram, e de tudo bem certificados, mandaram este recado aos embaixadores que em Portugal até ali andavam com prolongas e rodeios. E porque um dos embaixadores era o D. Pedro de Ayala, muito manco de uma perna, e outro era D. Garcia Carvajal, muito vão, El-rei de Portugal, depois de estar com eles e os ouvir, entendendo seu intento, disse que aquela embaixada de El-rei e da Rainha, seus primos, não tinha pés nem cabeça nas pessoas dos embaixadores e na concrusão dela, despachando-os sem concrusão alguma, porque eles vinham sem ela, e assi tornaram pera Castela. Mas, logo, sobre a concórdia e concerto da dita conquista, pera se acabar de concluir este caso, mandou El-rei por seus embaixadores e procuradores aos ditos Reis de Castela Ruy de Sousa e D. João de Sousa, seu filho, e o licenciado Aires de Almada, corregedor da corte, e Estevão Vaz, por secretario, pessoas no reino de muito bom saber, grande confiança e muita autoridade, e com eles mui honrada companhia. Foram com grande honra recebidos de toda a gente da corte em Medina do Campo, onde os Reis estavam. Deram suas embaixadas e em nome de El-rei se concertaram com os ditos Reis sobre a demarcação e repartição dos ditos mares e certos rumos e linha de polo a polo, per que as ditas ilhas e terras descobertas ficaram com os ditos Reis de Castela com outra muita parte do mar e da terra, sem prejuizo da costa e ilha da conquista de todo Guiné, de que se fizeram contratos assinados e jurados pêlos ditos Reis, com grande seguridade.

As demarcações que, por razão de concórdia e parentesco entre Castela e Portugal, se fizeram na vila de Tordesilhas em um sábado, sete dias do mês de Junho da era de mil e quatrocentos e noventa e quatro anos, foram estas... s... que os Reis Católicos de Castela, D. Fernando e D. Isabel, deram ao dito rei D. João, o segundo do nome, que pedia que lhe dessem mais da sua conquista, com vontade e acordo do Papa, trezentas léguas sobre as cento que o Papa Alexandre lhe havia dado pera a parte do ponente, de maneira que dista esta linha da repartição das ilhas do Cabo Verde quatrocentas e setenta léguas, da qual, pera a parte do oriente, é a conquista de Portugal; repartindo o mundo pelo meio

180



até outro meridiano a ele opósito, e dela ao ponente, até tornar ao oriente por debaixo da Terra, é a conquista de El-rei de Castela. Dizem alguns (que têm que são sós trezentas e setenta léguas, pouco mais ou menos) que passa esta linha da repartição pelo cabo das Correntes, na costa do rio Maranhão, ao meio-dia pelo rio S. Sebastião e pela parte setentrional (que já disse) pelos Bacalhous e a do Lavrador. Fica à parte de Castela a ilha Espanhola e Isabela, que agora se chama a ilha da Cuba, e a terra firme, e a que, com nome comum, se chama as Índias Ocidentais. Mas sendo quatrocentas e setenta léguas, há-de passar a linha mais além cem léguas.

Do qual concerto todos mostraram receber descanso e contentamento por se escusarem antre estes reis diferenças e discórdias, que se já começavam a revolver contrairas a sua paz e amizade. E, com este assento concertado, tomaram os ditos embaixadores no mês de Julho do dito ano a Setúvel, onde El-rei estava, que com sua vinda foi alegre e os recebeu com muita honra e gasalhado, por lhe serem todos mui aceitos.

TOTAL COLON

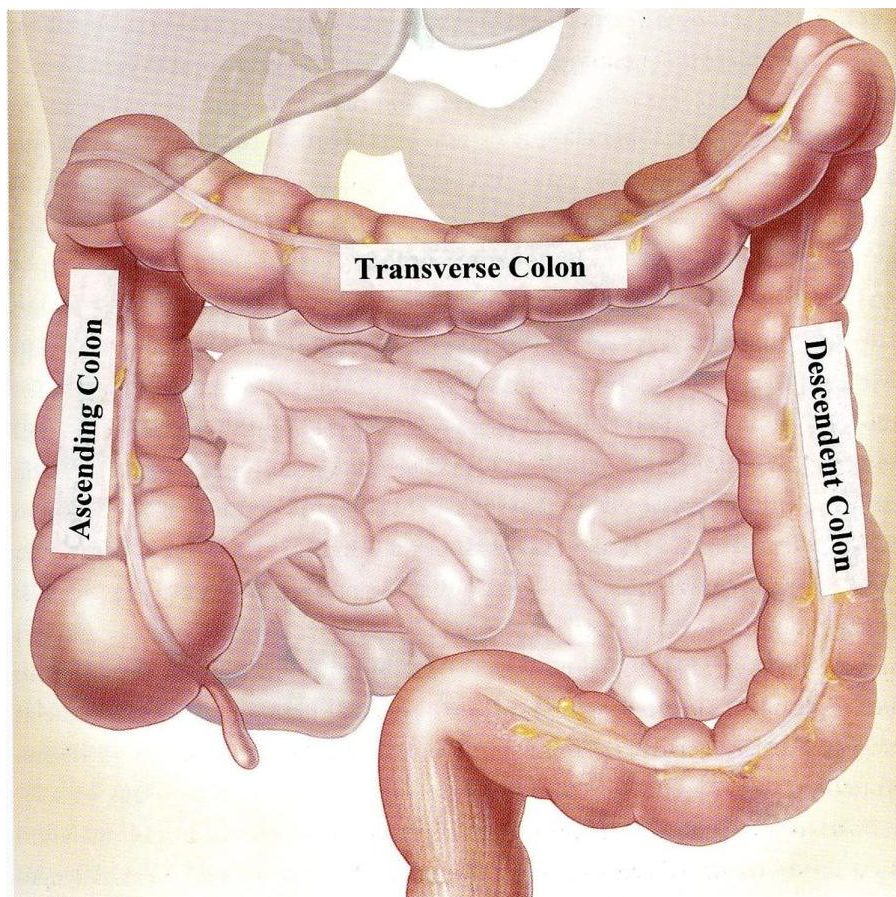
3
4
5
6
3
6
3
2
2
181

146

Por muito estranho que pareça o termo COLON tem também muita importância anatômica como poderemos verificar nesta imagem do intestino grosso. O significado de *partes* divide o intestino grosso em *partes*: Colon ascendente, Colon transversal e Colon descendente.

Os médicos usam todos os dias mais de 40 termos médicos derivados da palavra COLON !

Cólica, Colite, Colocentese, Colonalgia, Coloscopia, Colorectal, Colon irritável, Colon Sigmóide, etc.



O NONO MANDAMENTO

**Major Santos Ferreira (1930) foi o GÊNIO
que descobriu**

**que o sinal de pontuação [. /] significava
Zarco**

**Este trabalho de investigação do Major Santos Ferreira é
o mais importante de todos que há para se resolver duma
forma GENIAL o segredo da Sigla no que diz respeito ao
nome ZARCO.**

**Este Major casou com uma Senhora inglesa e aprendeu
com ela o significado anglo-saxónico da pontuação grega.**

Apresentamos aqui as páginas do livro para ver como o Major fez a sua descoberta do nome ZARCO. Assim o leitor não precisa de outra pessoa intermediária para lhe explicar como é que o Major Santos Ferreira conseguiu fazer esta descoberta tão sensacional! Leia todas as páginas com muita atenção porque vai ver que valerá realmente a pena!

dignidades, julga chegado o momento de declarar, aos próprios filhos, quem é e donde vem, ou — para melhor dizer — quem era e donde tinha vindo o nobre mancebo, de quem era, agora, nova encarnação.

Não teria *esse novo homem*, esse *Cristobal Colón*, o direito de dizer, sem mentir, que «de Génova saíra e nela nascera», se, como é verosimil, houvesse sido em Génova que se realizara a sua conversão?

E mais poderia ter acrescentado que *o seu nascimento* se dera no próprio momento em que desaparecia, para sempre, do mundo e da memória dos homens, um jovem bastardo de Portugal, filho de príncipe e neto de reis, que, por terras de Italia e da Turquia, andara dissipando uma fortuna mal adquirida.

Na guarda do seu segredo teve Cristobal Colón eficazes e poderosos colaboradores nas pessoas de D. João II e dos Reis Católicos, todos igualmente interessados na defeza da honra da familia a que ele pertencia, e unânimes na admiração com que celebravam, encobertamente, mas com decidida simpatia, a regeneração do parente considerado perdido.

A forma original e enigmática da assinatura de Cristobal Colón (e continuo a dar-lhe este nome, porque nenhum outro, nem mesmo o verdadeiro, o pode substituir ou sobrepôr-se-lhe, sem lhe ofuscar e amortecer a glória) — a forma original e enigmática da sua assinatura, ia eu dizendo — tem concitado, nestes ultimos tempos, a curiosidade de mil investigadores e adivinhos, portugêses, espanhois e italianos, todos justamente esperançados em encontrar ali a explicação do mistério daquela singular personalidade, e porventura, um novo titulo de glória para as suas respectivas pátrias.

Tambem eu cedi á tentação de pretender decifrar o enigma quando, em 1921 ou 1922, o meu bom amigo, sr. Eduardo

COLABORADORES

SIGLA

Moreira, fez favor de passar ás minhas mãos a reprodução fotográfica de duas cartas de Cristobal Colón, cujas assinaturas aqui vão decalcadas.

$\begin{matrix} \cdot s. & & \cdot s. \\ \cdot s. & \cdot s. & \cdot s. \\ X & M & Y \\ \cdot & & \cdot \\ X & P & O & F & E & R & E & N & S. / \\ \underline{\underline{\hspace{1cm}}}\end{matrix}$

$\begin{matrix} \cdot s. & & \cdot s. \\ \cdot s. & \cdot s. & \cdot s. \\ X & M & Y \\ \cdot & & \cdot \\ X & P & O & F & E & R & E & N & S. / \\ \underline{\underline{\hspace{1cm}}}\end{matrix}$

Mais feliz do que todos os que me haviam precedido no curioso inquérito, atentei no ponto e no pequeno traço obliquo que se seguem ao XpoFERENS, nos quais ninguém atentara até então. E' bem possível que estes dois elementos gráficos houvessem também escapado á minha observação, se só tivesse ante mim um fac-simile da assinatura; mas como tinha dois diplomas distintos, e ambos reproduziam exactamente a pequena sigla, entendi não ser ela um mero e ocasional ornato da firma, mas uma parte integrante dela, que, como tal, devia ser considerada na sua interpretação.

Ora, como todas as virgulas do texto de ambas as cartas eram de desenho, dimensões e inclinação perfeitamente iguais ao traço em questão, facil me foi reconhecer ali um ponto e uma virgula, possível representação do colon dos antigos gramáticos, do qual ainda restam vestígios, nos nomes (colon e semicolon) dados, pelos inglezes, aos dois pontos e ao ponto e virgula da sua moderna escrita. PORTUGUESA

XpoFERENS - / = Cristovam Colon, foi portanto a minha leitura da linha inferior da firma, — leitura que sómente apresentava a novidade de haver sido encontrada a verdadeira ortografia do convencional apelido do navegador.

E estava certa esta leitura, como adiante se verá.

A GRANDE DESCOBERTA DA SIGLA = COLON

S.
S.A.S.
X.M.Y.

Nas sete letras capitais, que se sobrepõem ao *Xpoferens* via eu uma invocação ou saudação aos santos patronos de Colón, lendo-as, por colunas, de baixo para cima, pela ordem por êle próprio indicada em seu testamento. E interpretava-as assim: *Christe salvé, Maria salvé, Joseph salvé*, como já outros, antes de mim, teriam provavelmente feito.

Comuniquei a alguns amigos a minha descoberta, e dela deu noticia o sr. Eduardo Moreira, no mensario ilustrado *Triangulo Vermelho*, n.º 13, de 1922.

Eu havia encontrado, com efeito, a chave do enigma; o que, porém, não havia ainda descoberto, era que essa chave tinha de dar duas voltas na fechadura, para que todo o segredo fosse manifesto.

Ficara-me na primeira volta. Mas essa apenas me revelava (o que, aliás, só tarde reconheci) um nome de guerra, Cristobal Colón, — revelação interessante, em todo o caso, por acabar, de uma vez para sempre, com as hipóteses Colomo, Colombo, Colomb, e outras fantásticas variantes do suposto apelido.

Ora, haverá uns dois anos, ao pôr em ordem alguns velhos papeis, deparei com o número do *Triangulo Vermelho*, a que acima me refiro, e de novo me entretive a examinar o *fac-simile* da assinatura. e a recordar os motivos que me haviam levado a concluir que ela continha, além de uma invocação aos santos patronos do navegador, aquilo que eu ainda julgava ser o seu verdadeiro nome — *Cristobal Colón*.

Recaíu o meu exame, mais particularmente, sobre o ponto e a virgula. E preguntava a mim mesmo se aqueles dois sinais, que eu interpretara por colon, não teriam alguma outra significação, acomodada a outro nome, que fôsse o verdadeiro apelido do navegador; visto haver quem afirmasse ser Colón um nome suposto, nunca usado por familia alguma no mundo.

Nesta ordem de idéias, passaram-me, pela mente, os no-

NOME DUPLA

IMPORTANTE

COLÓN IGUAL A ZARCO

mes dos sinais de pontuação, nas linguas que conheço, equivalentes ao nosso ponto e virgula. Então se fez uma grande luz no meu espirito! porque **zarco**, ao mesmo tempo que é um dos sinais ortográficos (∞) que, na escrita hebraica, correspondem ao nosso ponto e virgula, é também o bem conhecido apelido do primeiro donatário do Funchal e grande proprietário da Ilha da Madeira, onde Cristobal Colón viveu e constituiu família. Nenhum outro nome poderia eu ter encontrado, que melhor conviesse a um piloto português do XV século, em relações de parentesco e amizade com a flôr dos navegantes portugueses e estrangeiros do Mar Oceano.

Imediatamente escrevi ao meu bom amigo, sr. Antonio Ferreira de Serpa, que é, como todos sabem, um dos mais brilhantes cronistas das nossas navegações e descobertas, pedindo-lhe o favor de dizer-me se tinha conhecimento da existencia, entre 1450 e 1500, de algum *Cristovam Zarco*, que houvesse estado homisiado fóra do reino.

Não se fez tardar a resposta: «nos seus apontamentos, não havia noticia de tal nome; mas, como tinha de ir, em dia próximo, ao Arquivo Nacional, ali diligenciaria encontrar algum vestigio dêle».

Agradei, como me cumpria, a amavel informação, terminando assim: «A questão é esta: se um tal homem existiu, foi esse o *Cristovam* que, em 3 de Agosto de 1492, largou de Palos, com rumo ás Antilhas».

Nova missiva do sr. Ferreira de Serpa: «O seu cartão postal fez-me cair das nuvens! Sempre supuz ser *Colón* uma substituição do apelido verdadeiro, pois nunca houve gente de tal nome. Mas *Zarco*!?. . . Agora vem V. confirmar-me o palpite com a sua descoberta! Manuel de Carvalho e Ataíde, pai do Marquês de Pombal, teria noticia do caso, êle, genealogista, quando estava a redigir o D. T. de N. . .

Referia-se o sr. Ferreira de Serpa, nesta sua oportuna, felicíssima e como que providencial observação, ao pseudónimo, sob o qual ocultou o seu verdadeiro nome, o autor do livro intitulado *Theatro Genealógico*, geralmente atribuído ao capitão de cavalos Manuel de Carvalho e Ataíde, falecido em 1720. Com efeito, naquela singular associação dos dois apelidos — *Zarco y Colona* — poderia transparecer uma tal ou qual relação entre a notícia por mim comunicada ao sr. Ferreira de Serpa, e os motivos que, ha bons duzentos anos, teriam levado o misterioso autor daquele não menos misterioso livro, a compôr o dito pseudónimo.

Vendo quanto poderia ser interessante, para a continuação do meu estudo, examinar detidamente aquela obra, deligencei obter um exemplar dela, cuidado em que o sr. Ferreira de Serpa também andou empenhado. Só ao cabo de dois mezes se realizou o nosso desejo, graças á amavel intervenção do sr. J. Ribeiro de Carvalho, que gentilmente se dignou pôr á minha disposição um exemplar, cujo frontispicio e seu reverso vão adiante reproduzidos, para que o leitor melhor possa acompanhar esta minha exposição.

Entretanto, prosseguia eu na tentativa de completar a interpretação da firma.

Raciocinava assim: se colon é criptograma de zarco, é bem possível ser Xpoferens, semelhantemente, criptograma de outro nome, que não seja Cristovam...

Se quem assinava se chama Cristovam, e queria escrever este nome em latim, escreveria «Christophorus» ou «Xpoforus», como então era prática geralmente seguida; mas se escreveu «Xpo ferens», atribuiu, certamente, a esta nova grafia, significação diferente.

→ na primeira BULSA

paração em duas palavras, e, mais ainda, pelo emprego con-
corrente do cursivo grego e das versais latinas. De sobejo é
conhecido o uso, por helenismo, do dativo pelo acusativo,
para notar o lugar para onde. Como se o navegador dissesse,
mentalmente, «este nome leva, ou transporta, o pensamento
para Cristo».

Só um nome cristão realiza esta condição, *Salvador*. Ele
leva para Cristo o pensamento dos cristãos, por terem em
Cristo o Salvador, por excelencia, de suas almas; leva para
Cristo o pensamento dos judeus, por ser a palavra Jesus, na
língua hebraica, um nome verbal que significa salvador.

Alem disso, a forma *Christo ferens*, pôsto que estranha
e sem precedente, mas que a todos se impunha como repre-
sentando o castelhano *Cristobal*, nada tem de comum com
Christophorus ou *Christofer*; isto é, nada tem de alusivo ao
gigante que a lenda afirma ter transportado Jesus de uma
para a outra margem do rio: *Christobal* representa, tão só-
mente, a propria pessoa do Salvador, na linguagem da pri-
mitiva igreja judéo-cristã das Espanhas, *Cristo-senhor*. (SALVADOR)

E facil me foi concluir ser *Salvador* o nome de baptismo
do descobridor do Novo Mundo.

Ora, como o apelido Zarco anda intimamente ligado ao
patronimico Gonsalves, constituindo ambos como que um só
nome de familia, desde que o de João Gonsalves Zarco se
tornou notorio nos anais da Madeira, nenhuma dúvida tive em
conjecturar que, nas sete letras capitais, sobrepostas ao *Xpo*
færens, — as quais já havia interpretado por uma triplice sau-
dação aos patronos de Colón — estaria expresso, sob qual-
quer disfarce, aquele patronimico.

Como a interpretação anterior envolvesse, por tres vezes,
a palavra *salvé*, que apenas difere, por defeito de uma letra,
das duas últimas sílabas de Gonsalves, mais se robustecia a
minha presunção.

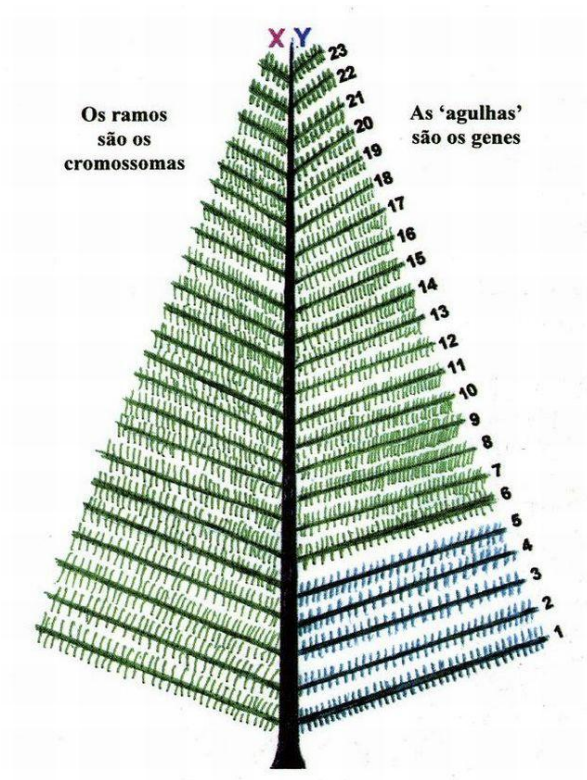
JESUS EM HEBRAICO IGUAL A SALVADOR

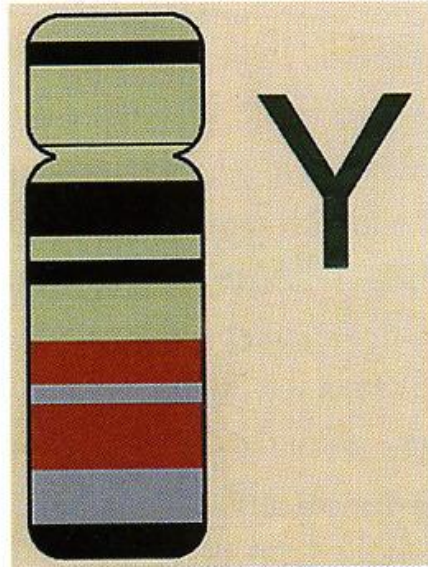
[CRISTO-SALVADOR]

DÉCIMO MANDAMENTO

Análise do ADN do Navegador

Esta imagem mostra-nos o conjunto de cromossomas e genes nas nossas células. Os ramos do pinheiro são os cromossomas. As agulhas dos ramos são os genes. No vértice do pinheiro estão os dois genes sexuais. O feminino que é representado por um **X** e o masculino que é representado por um **Y**.

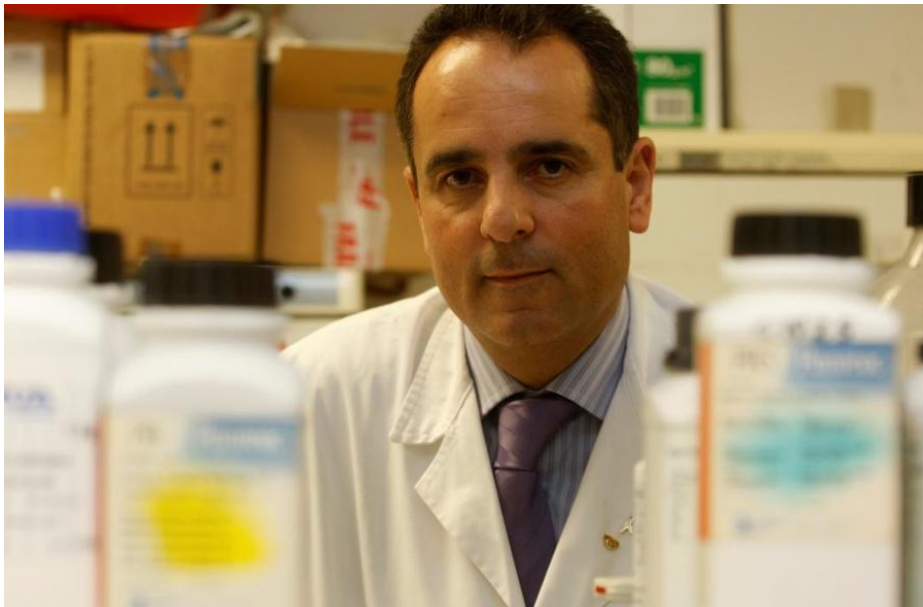




Este é um cromossoma Y

**Mas para o ADN ter valor é preciso que a transmissão deste
Cromossoma Y,
se faça através das várias gerações SEMPRE de PAI PARA FILHO
DIRECTAMENTE!**

**Não pode haver intermediários entre as várias gerações porque se
não o teste passa a ser INVÁLIDO!**

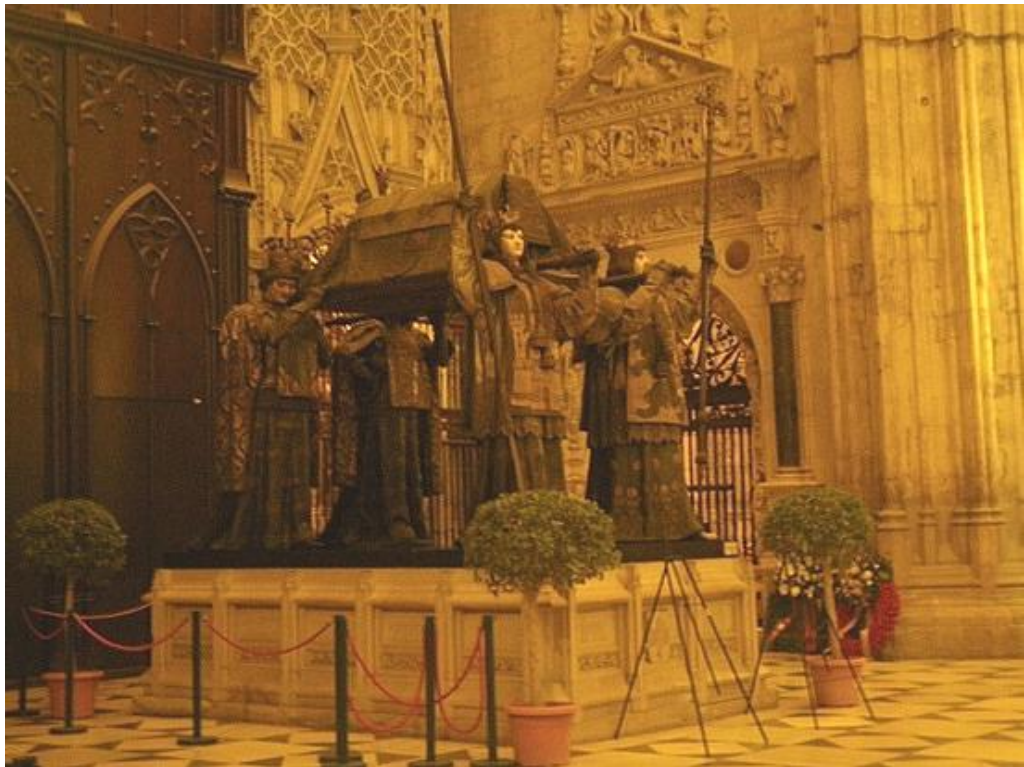


Este é o Professor José Lorente da Universidade de Granada, Espanha, (Professor de Medicina Legal) que recebeu vários milhões de Euros do Governo Espanhol para extrair o Cromossoma Y dos ossos do Cristóvão Colon guardados nos mausoléus da Catedral de Sevilha, assim como dos ossos do filho do Navegador, Fernando Colon e do irmão do Navegador, Diogo Colon.

O túmulo do Navegador na Catedral de Sevilha é de ferro e foi instalado na Catedral em 1890.

Contem uma pequena porta e lá dentro tem estado guardada uma pequena caixa com os ossos do Navegador.

No topo do mausoléu há quatro figuras representando os Reinados de Castela, Leão, Aragão e Navarra, levando aos ombros o caixão de Cristóvão Colon.



Mausoléu do Cristóvão Colon na Catedral de Sevilha



Caixa com os ossos do Cristóvão Colon



Caixa com os ossos do Cristóvão Colon já fora do Mausoléu.

A caixa do mausoléu só continha ossos de costelas. Não continha nenhuns ossos longos.

O Dr. Lorente não pode extrair nenhum cromossoma Y porque são necessários ossos compridos, pelo menos com dez centímetros. Úmero, Rádio, Fémur e tibia.

Mas o Dr. Lorente conseguiu obter ossos longos do filho Fernando Colon e obteve o cromossoma Y.

Noutro mausoléu o Dr. Lorente e a sua equipa conseguiram também obter ossos compridos do irmão Diogo Colon e conseguiram obter o cromossoma Y.

MUITO IMPORTANTE

Mais importante ainda verificaram que o cromossoma Y do filho e o cromossoma Y do irmão SÃO IGUAIS UM AO OUTRO! Portanto conseguiram obter o cromossoma Y típico da linha directa dos mancebos da família do Navegador COLON. Quer isto dizer que doravante não precisamos do cromossoma Y dos ossos do Cristóvão Colon para fazermos análises comparativas.

ANÁLISES COMPARATIVAS

O Dr. Lorente arranjou três grupos de mancebos de Espanha, da França e da Itália, os quais juraram e assinaram os seus nomes em como eram descendentes DIRECTOS do Navegador.

A composição dos grupos foi esta:

Espanha = 220

França = 123

Itália = 134.

Total de mancebos = 477

Conclusão das análises:

Ao fim de NOVE meses os especialistas dos três países especializados em fazer diagnósticos do ADN

REVELARAM QUE **NENHUM** DOS 477 MANCEBOS POSSUÍA **ALGUM CROMOSSOMA Y** QUE FOSSE

IGUAL AOS CROMOSSOMAS DO FILHO FERNANDO OU DO IRMÃO DIOGO!!!



Agora já temos evidência científica do ADN demonstrando que o Colombo NÃO era Espanhol, NEM Francês, NEM Italiano. Por exclusão de partes só podia ser Português!

É óbvio que o Dr. Lorente foi discriminatório contra Portugal,

porque não incluiu nestas análises nenhum grupo Português.

ESTUDOS DO ADN EM PORTUGAL

Desde o dia 5 de Maio de 2005 que o Professor Francisco Corte Real (Medicina Legal) e a Professora Eugénia Cunha (Antropologia), ambos da Universidade de Coimbra, têm estado prontos com as suas respectivas equipas para abrirem os mausoléus das Famílias Reais de Portugal, mas infelizmente os Ministros da Cultura de Portugal não têm dado autorização para que se abram os mausoléus. Parece incrível!

Será que o novo Ministro da Educação irá consentir a abertura dos mausoléus?



Dr. Francisco Corte Real, Professor of Forensic Medicine at the University of Coimbra in his office

O Rei Afonso V criou em 1453 a posição de Duque de Beja, nomeando o seu irmão D. Fernando, como Primeiro Duque de Beja, cidade na parte central do Alentejo.

Este Fernando veio a ter aventuras amorosas com Isabel Gonçalves Zarco, filha de João Gonçalves Zarco, descobridor da Ilha do Porto Santo em 1418 e da Ilha da Madeira em 1419.

Deste amor proibido nasceu um menino em Cuba, Alentejo a cerca de 18 quilómetros ao norte de Beja, ao qual foi dado o nome de Salvador Fernandes Zarco.

Se esta história de amor é verdadeira o Duque de Beja, D. Fernando, foi o **PAI BIOLÓGICO do Salvador Fernandes Zarco.**

Portanto o cromossoma Y do Duque de Beja deve ser igual ao cromossoma Y do filho Fernando Colon e ao cromossoma Y do irmão Diogo. Esta é a razão porque haveria necessidade de se abrirem os mausoléus Portugueses para confirmarmos o diagnóstico pelo método do ADN.

Considerações Finais:

Depois de revermos estes Dez Mandamentos afirmados nos documentos coevos do Navegador, necessitamos de mais dados para provarmos que o Navegador era Português?

Para mim os documentos aqui apresentados e as suas interpretações são **COMPROVATIVOS! Não precisamos de mais nada para provarmos que o Navegador Cristóvão Colon era Português.**

Todavia porque eu sou Médico, portanto um cientista, concordo, pondo de lado toda a burocracia para que o novo Ministro da

Educação autorize que se abram os mausoléus em Portugal para que o Professor Francisco Corte Real e a Professora Eugénia Cunha possam completar o seu trabalho de pesquisar os cromossomas Y nos mancebos de linha directa das Famílias Reais Portuguesas para que os seus cromossomas Y possam ser comparados com os cromossomas Y do Fernando Colon e do irmão Diogo Colon.

Esta é a situação em que nos encontramos no princípio do ano de 2012.

Todos os documentos referentes ao Colombo Italiano

SÃO FALSOS!

Factos demolidores da teoria italiana:

(1) O nome do suposto navegador Italiano nascido em Génova era Cristoforo Colombo. Colombo quer dizer pombo!.

Mas nas Bulas Papais de 3 e 4 de Maio de 1493, o nome que lá está escrito é Cristofõm Colon, não é Cristoforo Colombo.

(2) Mesmo os que defendem a teoria genovesa concordam que o Colombo italiano NUNCA FALOU, NEM ESCREVEU NADA EM ITALIANO!

(3) Se comparamos a Sigla usada nos documentos italianos vemos logo que houve FRAUDE na composição da Sigla italiana.

Analisemos o Último Testamento Genovês chamado "Codicilio Militar", escrito em latim e o Navegador NUNCA escreveu nada em latim

a Sigla Verdadeira é triangular.



Do lado esquerdo está a Sigla Genovesa e do lado Direito está a Sigla Verdadeira .

Comparem uma com a outra e vejam as diferenças óbvias!

E muito fácil vermos que a Sigla Italiana é FALSA e FRAUDULENTA!